

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA**

**Campo da Esperança:  
As relações entre vivos e mortos no cemitério de Brasília**

Brasília  
2018

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA**

**Campo da Esperança:  
As relações entre vivos e mortos no cemitério de Brasília**

Monografia apresentada como requisito para  
obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais  
com habilitação em Antropologia pelo departamento de  
Antropologia da Universidade de Brasília.

Brasília  
2018

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA**

Autor: Mirna Nazareth Machado Oliveira  
Orientador: Guilherme José da Silva e Sá

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Guilherme José da Silva e Sá  
Departamento de Antropologia  
Universidade de Brasília

---

Prof. Dra. Graciela Froelcich  
Departamento de Antropologia  
Universidade de Brasília

Brasília  
2018

## FICHA CATALOGRÁFICA

Oliveira, Mirna Nazareth Machado

Campo da Esperança: As relações entre vivos e mortos no cemitério de Brasília. /Mirna Nazareth Machado Oliveira; Orientação de Prof<sup>a</sup> Guilherme José da Silva e Sá - Brasília, 2018.

76 p.: il.

Monografia apresentada como requisito para obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais com habilitação em Antropologia pelo departamento de Antropologia da Universidade de Brasília.

### **CESSÃO DE DIREITOS**

Nome do Autor: Mirna Nazareth Machado Oliveira

Título do Trabalho de Conclusão de Curso: Campo da Esperança: As relações entre vivos e mortos no cemitério de Brasília

Ano: 2018

É concedida à Universidade de Brasília permissão para reproduzir cópias desta monografia e para emprestar ou vender tais cópias somente para propósitos acadêmicos e científicos. O autor reserva-se a outros direitos de publicação e nenhuma parte desta monografia pode ser reproduzida sem a autorização por escrito do autor.

---

Mirna Nazareth Machado Oliveira

À memória de Paulo Ricardo Machado Oliveira  
e de meus antepassados.

## **Agradecimentos**

Estou sentada com a folha de papel em branco em minha frente a caneta de tinta preta nas mãos e simplesmente não sei como começar esse agradecimento, como dizer a essas pessoas incríveis que elas foram especiais nessa minha jornada? Sei que devo parecer uma ingrata, tanto quanto os agradecimentos me parecem óbvios.

Agradecer ao meu pai por me incentivar a ter boas notas na escola, como agradecer minha mãe por me propiciar o gosto pela leitura – e a curiosidade – deixando em minhas descuidadas mãozinhas sua colorida coleção da LIFE, com aquelas incríveis páginas duplas de qualidade fotográfica. Como fazê-lo em palavras? Como agradecer a minha irmã, meu irmão e minhas sobrinhas por respeitarem meu sumiço e meu eterno silêncio.

Como agradecer as minhas duas filhas e aos meus netos por terem mantido meu motor funcionando quando o que eu mais queria era parar no acostamento e deixar tudo pra lá, como agradecer por terem me dado alegria e um objetivo nesta vida?

Agradecer aos meus filhos peludinhos pelo companheirismo incondicional, ou seja, eu tentando estudar e vocês pedindo carinho, pedindo para jogar a bolinha, pedindo para trocar a água, pedindo colo, pedindo comida... muito muito amor envolvido.

Como agradecer ao pessoal do trabalho por ter trocado de horário comigo para que eu pudesse estar nas aulas. Agradecer a minha parceira de crime pela leitura prévia dos textos e pela paciência em me ouvir falar, falar e falar em morte e cemitério?

Como agradecer aos professores e aos colegas de sala por me ouvirem, por me respeitarem e por contribuírem com meu sonho de estar aqui?

Como agradecer ao meu orientador por ter aceitado esse desafio e ter feito essa jornada louca e sem volta comigo e aos meus interlocutores que dividiram e me ensinaram tanto sobre a vida?

Eu tenho heróis que seus nomes e seus rostos o tempo já apagou da minha memória só seus atos ficaram marcados em sangue no meu coração, como agradecer?

Todos esses agradecimentos já foram feitos pessoalmente. E hoje, quando estou realizando um sonho, percebo que essas pessoas mereciam mais que palavras num papel, mereciam algo mais perene, talvez um busto em pedra numa praça fosse mais significativo...

Mas, só o que tenho aqui, são essas palavras, nesta folha, coisa simples, a mercê da memória que anda cada vez mais falha... para dizer mais uma vez... muito obrigada!

Eterna gratidão.

**Momento num café**

Quando o enterro passou

Os homens que se achavam no café

Tiraram o chapéu maquinalmente

Saudavam o morto distraídos

Estavam todos voltados para a vida

Absortos na vida

Confiantes na vida.

Um no entanto se descobriu num gesto largo e demorado

Olhando o esquife longamente

Este sabia que a vida é uma agitação feroz e sem finalidade

Que a vida é traição

E saudava a matéria que passava

Liberta para sempre da alma extinta.

Manuel Bandeira  
Estrela da Manhã

## **Resumo**

O presente trabalho consiste em um ensaio etnográfico que busca compreender as relações entre os vivos e a morte que ocorrem dentro do cemitério Campo da Esperança na cidade de Brasília, DF. A pesquisa busca compreender como familiares que visitam o cemitério lidam com os seus mortos, e qual o significado que estes ainda possuem em sua realidade cotidiana. Aliando a essa perspectiva buscamos entender a relação dos trabalhadores autônomos com o cemitério e como seu trabalho com os mortos os afetam. Portanto, o presente trabalho buscou empreender uma etnografia sobre como são os rituais cotidianos da morte a partir do cemitério Campo da Esperança, através da realidade das ressignificações rituais, com base nos conceitos de trabalho sujo e estigma, no caso dos trabalhadores autônomos e da saudade e rituais no caso dos familiares.

**Palavras-chaves:** Antropologia da Morte, Ritual, Invisibilidade Social, Estigma, Trabalho sujo.

## **Abstract**

The present work consists of an ethnographic essay that seeks to understand the relations between the living and the death that occur within the cemetery Campo da Esperança in the city of Brasília, DF. The research seeks to understand how family members who visit the cemetery deal with their deceased relatives, and what meaning they still have in their everyday routines. Combining this perspective, we seek to understand the relation of the autonomous workers of the cemetery and how their work with the dead affect them. Therefore, the present work sought to undertake an ethnography about the daily rituals of death from the Campo da Esperança cemetery, through the reality of ritual re-significations, based on the concepts of dirty work and stigma, in the case of self-employed workers and homesickness and rituals in the case of relatives.

**Key-words:** Anthropology of Death, Ritual, Social Invisibility, Stigma, Dirty Work.

## SUMÁRIO

Introdução .....	10
Capítulo 1 - Thanathos .....	17
1.1 - A Morte .....	18
1.2 – Os senhores da morte .....	20
1.3 - Estética da morte .....	21
1.4 - Pacote .....	22
1.5 - Pornografia da morte .....	24
1.6 - A fala do morto .....	24
1.7 - Resistência .....	26
Capítulo 2 – Terra de mortos .....	27
2.1 – A cidade dos vivos .....	30
2.2 – Campo da Esperança .....	31
2.3 – Campo Santo .....	34
2.4 – Amarrando a mortalha .....	36
Capítulo 3 - Ritos .....	41
3.1 – Música, flores, velas, crianças e cores .....	43
3.1.1 - Banho .....	44
3.1.2 – Velório e sepultamento .....	46
3.1.3 - A festa dos Mortos .....	47
Capítulo 4 - Os vivos na cidade dos mortos .....	53
4.1 – A água .....	55
4.2 - Trabalho .....	57
4.3 - Sombra e água fresca .....	61
Considerações Finais .....	63
Bibliografia .....	70

## Introdução

“tão logo nasce,  
o homem já é suficientemente  
velho para morrer”  
Heidegger

Estou no ônibus, como o percurso é longo, tenho por costume aproveitar o tempo para ler, uma senhora senta ao meu lado, ela está tranquila; depois de um tempo, eu fecho o livro para verificar aonde estamos. Pela visão periférica vejo que a senhora olha o livro que estou lendo, me viro e sorrio para ela, sua expressão mudou, está tensa. Volto a minha leitura e percebo que ela pegou o terço da bolsa e começou a rezá-lo. O livro que estou lendo? A morte e os mortos na sociedade brasileira com sua capa preta e figuras macabras em verde. Fico então me questionando se realmente o tema da morte desperta tanto temor, ou se estou de tal forma afetada pelo campo que estou vendo comportamentos que não existem.

Pessoalmente a motivação para estudar o tema vem da infância; meu pai várias vezes pediu para que quando morresse não fosse velado em casa sobre a mesa, e aquele pedido para mim não fazia sentido, por que ele ficaria em casa? E por que na mesa? E ele falava em ficar dias nessa situação e eu só imaginava o porquê daquele pedido. Mas eu não ousava perguntar.

Quando minha tia morreu, ela foi do hospital direto para o cemitério, e foi nesta época que perguntei a minha mãe sobre aquelas preocupações do meu pai, e a explicação foi a seguinte: “antigamente, na roça, o morto era velado em casa, na mesa da cozinha, e ficava assim 2 ou 3 dias, com as mulheres rezando, esperando os parentes chegarem para as despedidas e o enterro.” E que meu pai presenciou isso quando era pequeno e essas imagens o marcaram”.

Segundo, ainda, minha mãe, apesar de ser um homem rude, não querer que os filhos passassem pela mesma experiência, era sua forma de expressar seu cuidado e seu carinho. Assim, o carinho que como filha eu esperava do meu pai, veio na forma como ele tentou me proteger da morte; ou no caso, como ele não gostaria que nós nos relacionássemos com ele em morte.

A morte é parte intrínseca da vida, portanto, compreender como um povo num determinado tempo lida com ela é uma forma de entender como eles encaram a própria vida,

pôr exemplo: o desenvolvimento da bioquímica na busca de novos cosméticos e remédios que retardam o envelhecimento é sintoma de uma sociedade que cada vez mais se recusa a encarar a morte. O tema foi delimitado tendo em vista o fato do cemitério de Brasília ser relativamente novo e possuir uma paisagem diferenciada dos cemitérios mais antigos com suas capelas e esculturas, além de que os cemitérios são locais privilegiados para percebermos as relações dos vivos com a morte.

O trabalho de campo ocorreu no ano de 2016 no cemitério campo da esperança localizado no final da Asa Sul; as observações entre os visitantes do cemitério e nos velórios foram majoritariamente femininas, elas estavam muito mais solícitas em conversar sobre a morte, enquanto os homens se mostram evidentemente desconfortáveis e monossilábicos. E, entre os jardineiros autônomos todas as observações e conversas foram com homens, pelo que percebi é uma categoria masculina. Não tenho dados para fazer uma análise de gênero, mas aparentemente os homens possuem maior dificuldade em falar da morte.

Muitas das histórias e informações ouvidas em campo foram depois pesquisadas por outras fontes, por favor não pensem que nem por um segundo questionei meus interlocutores, o que tive na verdade foi uma profunda curiosidade de saber mais sobre as histórias, de ver fotos, de viver novamente aqueles momentos que passei com eles carregando água sob o sol quente ou sentada nas sombras comendo mangas tiradinhas do pé ouvindo suas prosas, deixei alguns links nas notas de roda pé para os curiosos como eu.

No trabalho os termos: cadáver, túmulo, caixão, cemitério foram usados propositalmente, para contrastar com os termos neutralizadores de significado encontrado em campo como: pacote, corpo, peça, urna, necrópole, e foi dividido em quatro capítulos aonde busco entender as relações entre os vivos e a morte no cemitério da cidade. Nas considerações finais meu morto se torna mais vivo por ter feito a jornada do trabalho comigo e ter se tornado mais próximo e simbolicamente presente, deixando saudades eternas. O jogo de palavras cadáver dos primeiros capítulos para meu morto das considerações finais foi proposital, por termos passado juntos pelos rituais de ressignificação.

Como civilização ocidental boa parte de nossa consciência coletiva está ligada a Cultura Grega, e a morte é vista por eles, como filho de Nix (a noite), irmão de hipnos ( o

sono ) e neto de Caos (o princípio primordial de tudo)<sup>1</sup>; assim, a “origem” está intimamente ligada aos nossos medos mais primitivos e subconscientes: a noite, a desordem, o escuro, a morte.

Thanatos é retratado como um jovem imberbe de longas asas, que reside nos Campos Elísios<sup>2</sup>. É uma figura que remete a calma e não ao terror. Seria, portanto, um companheiro; ligado a deusa Artemis, deusa da vida selvagem, do parto, dos animais e da virgindade, ou seja, nascimento, vida, sua perpetuação e a morte estariam no subconsciente extremamente ligados. Essa visão é muito diferente daquela que hoje temos da morte, uma figura sombria com capuz e que está sempre à espreita para ceifar nossa vida; um ser que provoca medo e pavor.

No primeiro capítulo procuro fazer uma viagem conduzida pelas falas das interlocutoras por alguns velórios e visitas às sepulturas e através destas entender um pouco como essa mudança de percepção da morte ocorreu na sociedade ocidental moderna, que em resumo se operaria: do morto presidindo sua morte até seu ocultamento.

Antes, o “morto” organizava sua morte, chamava parentes, amigos e vizinhos, que garantiam sua “passagem”, e tinha consciência que o ato era dele, era público e todos experimentavam sua morte. Agora a morte é tanto dúvida, quanto certeza, no hospital o moribundo perdeu a voz e seu poder de decidir, dorme, toma seus remédios e está sempre esperando um milagre médico. A morte deve ser evitada e quando ocorre deve ser de forma privada, limpa e asséptica, consequência do individualismo, como princípio básico da vida social do nosso tempo.

O terror que nossa sociedade tem da morte faz com que o morto desapareça do hospital rapidamente, pois este representa o fracasso do hospital. A morte não é mais um acontecimento normal, é algo em que não se deve pensar, deve ser banida, não é mais parte integrante da vida.

Nossa reação a morte são sorrisos embaçados, silêncios, desconversas que representam nossa dificuldade em lidar com algo reprimido. O ritual do luto deixou de ser

---

<sup>1</sup> Hesíodo, Teogonia. São Paulo: Martin Claret, 2010.

<sup>2</sup> Parte do submundo de Hades destinado as pessoas boas.

coletivo e corresponde a “um conjunto de gestos e expressões simbólicas que discriminam aqueles que têm algo a ver com a morte” (RODRIGUES, 2006, p. 157). Assim os profissionais que lidam com a morte passam a ser desconsiderados e desprestigiados.

As pessoas não possuem mais um padrão de comportamento frente a morte, e como a negamos, não podemos ritualizá-la e “inversamente, por não possuir os necessários instrumentos rituais para enfrenta-la, a civilização ocidental moderna é obrigada a banir a morte e negá-la por todos os meios” (RODRIGUES, 2006, p. 165), afinal, “são os ritos que fazem os bons mortos” (FABRE, 1987 apud MOTTA, 2009, p. 28). Portanto, não é apenas Antígona<sup>3</sup> que sofre com a iminência de seu irmão Polinice ficar insepulto e sem os ritos; no Brasil também ser enterrado no local correto era imprescindível, como podemos ver em Reis (1991, p. 171) que “uma das mortes mais temidas era a morte sem sepultura certa. E o morto sem sepultura era o mais temido dos mortos; pois morrer sem sepultura significava virar alma penada.”

Assim, chegamos no segundo capítulo aonde analisaremos os cemitérios, pois, como defende Arés (2014), estes possuem como finalidade representar simbolicamente o universo social, e, no caso moderno, o túmulo tornou-se um signo identitário do morto. A organização destes espaços com suas ruas, avenidas, habitações, hierarquização dos espaços, segundo Coelho (1991, p. 8), obedece a critérios análogos a cidade dos vivos. Os cemitérios não são feitos para os mortos, são construídos para os vivos, reproduzindo sua sociedade global, assim, precisamos pensar como Brasília dentro de sua especificidade constituiu sua necrópole e como este reflete nosso modo de ser.

As necrópoles também sofreram modificações conforme nosso modo de ver a morte se modificava, durante muito tempo o corpo e a alma do finado eram entregues à igreja e estas davam a destinação que julgava condizente ao corpo, normalmente valas comuns que quando lotavam eram fechadas, muitas vezes os ossos eram utilizados de forma arquitetônica para construir as capelas<sup>4</sup>, os testamentos pediam orações e missas, e as pessoas transitavam

---

<sup>3</sup> Na obra Antígona do dramaturgo grego Sófocles, o rei Creonte deixa o corpo de seu sobrinho Polinice exposto à putrefação e a dilaceração, proibindo qualquer um de enterrá-lo sob pena de morte. Antígona tenta convencer o rei a enterrá-lo, pois quem morresse sem os rituais fúnebres seria condenado a vagar cem anos nas margens do rio Estige, sem poder ir para o outro lado. Não se conformando ela rouba o cadáver, mas é presa e Creonte ordena que ela seja enterrada viva.

<sup>4</sup> As famosas capelas de ossos existente em toda a Europa

normalmente nesses locais, crianças brincavam sobre as lápides, comerciantes faziam seus negócios, malabaristas e músicos compunham a paisagem local e ossos poderiam aparecer brotando da terra aqui ou ali.

Posteriormente, os cemitérios se afastam das cidades e das pessoas, se isolam, para depois retornar ao ambiente urbano em novo formato, com capelas e jazigos familiares. Com a formação das famílias nucleares e o individualismo, os jazigos vão se tornando mais pessoais e a arte funerária floresce, essa tendência a simplificação dos jazigos manteve se constante até o atual cemitério jardins.

No caso do cemitério de Brasília, analisado nesta pesquisa, foi projetado para ser um cemitério-parque, mas apesar de ser todo baixo e horizontal, fugiu a estrutura dos parques ao apresentar túmulos com granito ou mármore e mesmo não possuindo sarcófagos e mausoléus imponentes, não se enquadra no modelo de parque até 2002, quando seu serviço foi privatizado. Seu desenho em espiral – apreensível somente de um ponto de vista aéreo – condiciona o caminhar e os rituais, e estaria a ideia inicial de túmulos iguais, sendo na prática burlada com formas sutis de valoração dentro do cemitério.

No terceiro capítulo serão analisados alguns rituais que ocorrem dentro do cemitério, como o dia de finados, para Menezes e Gomes, (2011, p.94), “todas as sociedades transformam os modos de gestão do corpo morto em rituais” e essas cerimônias separam o mundo dos vivos do mundo dos mortos e promovem a alteridade entre estes.

Os ritos funerários retardam a separação dos mortos e dos vivos mostrando que mesmo numa sociedade que dessacraliza a morte o morrer não é um fato, mas processo. A morte por si só não é capaz de convencer o grupo da morte da pessoa, suas relações não desaparecem com a morte física, o que gera o caos; é necessário tempo para que ocorra a tomada de consciência e são os ritos que proporcionam oportunidades para a retomada da ordem social.

A morte e os ritos desagregam o morto deste mundo para introduzi-lo no próximo, a desestruturação que ocorre com a morte deve ser reorganizada e são os ritos que colocam as coisas nos devidos lugares. “Lidar com o corpo morto, é um meio da comunidade

assegurar a seus membros que o indivíduo falecido caminha na direção de seu lugar determinado, devidamente sobre controle.” (RODRIGUES, 2006, p. 40)

Esses ritos tanto ressignificam a morte, tornando o impuro em puro, retirando da morte seu potencial de perigo, para recolocá-la em outro estatuto, assim, como pode ser pensado também como ritual de passagem, aonde enlutados e o morto ficam num estado suspenso, até poderem ser reintegrados em seus novos espaços relacionais.

O quarto capítulo mostrará as mudanças sofridas no Campo da Esperança com a terceirização dos serviços do cemitério, ocorridas a partir de 2002, com a contratação da Empresa Campo da Esperança Serviços Ltda, que muda o tamanho e a forma das sepulturas, dividindo o cemitério em duas partes e os trabalhadores em dois grupos.

Um destes grupos são os jardineiros autônomos, eles são contratados diretamente pelas famílias para manter em ordem as sepulturas, executar serviços de limpeza, manutenção e jardinagens nos jazigos e dos arredores - também podem fazer outras atividades como a de letrista, eles limpam o ambiente, plantam flores, regam e podam as plantas - esse grupo normalmente conhecido como “autônomos” não possui vínculos com a empresa e aparecem assim que você se aproxima de um túmulo para oferecer seus serviços.

Neste capítulo serão observados alguns aspectos do trabalho dos “autônomos”, que nossa sociedade classifica como trabalho sujo, por trabalhar com a morte, e como eles procuram ressignificar o trabalho para se defenderem do estigma social, que esse trabalho imprime no trabalhador, pensar o dia a dia destes jardineiros é importante pois são eles que mantêm o túmulo em ordem para os familiares neste processo de afastamento gradual com o morto.

O trabalho é construído socialmente, assim como: o que se considera trabalho sujo, não é o trabalho em si; é a sociedade (dentro de um determinado contexto sociocultural) que o considera desprezível, e destina a pessoas que o executam a mesma característica de inferioridade; ou seja, a pessoa passa a ser considerada tão suja quanto o seu trabalho.

Os autônomos realizam uma série de mecanismos para ressignificar o trabalho desprestigiado e torná-lo aceitável, no sentido de ser uma atividade de que se orgulham de fazer bem feito e trazer paz e conforto a família do falecido. Esses trabalhadores falam

pouco, se aproximam com respeito, oferecem seu serviço e provam que morrer necessita mais que “cavar um buraco e deixar o corpo lá”.

Por fim, nas considerações finais “o morto” depois de feita a jornada aliado aos familiares e aos autônomos ainda tem de resistir para manter sua morada.

## Capítulo 1 – Thanatos<sup>5</sup>, filho de Nix, irmão de Hipno

“Eu te detesto e amo morte, morte, morte  
Que talvez seja o segredo desta vida  
Morte, morte, morte que talvez seja  
O segredo desta vida.”<sup>6</sup>

Decido ir de uber, o motorista é muito simpático, fala baixo, afinal estou a caminho do cemitério. Ele, cheio de cuidado, pergunta se estou indo ao velório de alguém querido, e antes que eu pudesse responder, completa: “- sinto muito pela sua perda.” Quando consigo responder, digo que não; que sou aluna da UnB, e que estou fazendo uma pesquisa com os trabalhadores do Cemitério investigando questões relacionadas a morte. No mesmo instante o motorista muda, faz o sinal da cruz, bate três vezes no painel do carro (na madeira) e completa: “-moça fala esse nome não... traz azar... agente pode até bater o carro!”

Começo esse trabalho perguntando que poder é esse que existe na morte capaz de produzir sentimentos tão contraditórios; Da solidariedade de um “sinto muito” ao bater na madeira para afastar qualquer mau augúrio que só de pronunciar seu nome pode trazer. É um misto de deferência e medo, que provoca um afastamento respeitoso do que é fúnebre.

A ideia de pensar academicamente a morte surge de minhas próprias experiências e estas perpassaram por todas as minhas leituras, pelo trabalho de campo, pelas entrevistas, conversas e pesquisa de forma rizomática (GLISSANT, 2005). Desta feita, optei por montar o primeiro capítulo pelas observações feitas em diferentes velórios, em alguns participei como enlutada e o presente trabalho possibilitou a ressignificação daqueles rituais de despedida, e em outros como pesquisadora.

O capítulo foi montado tendo por base a experiência em campo, e de certa forma, as falas das interlocutoras que traçaram o caminho tomado pela escrita. Para deixar o tom do trabalho mais próximo e pessoal, escolhi usar a narrativa em primeira pessoa, em alguns momentos as experiências e falas dos interlocutores se fundem formando um todo; as

---

<sup>5</sup> O nome de Thanatos foi escolhido para esse primeiro capítulo pois os gregos evitavam pronunciar seu nome, temiam despertar seu espírito

<sup>6</sup> Verso retirado da música “canto para minha morte” de Raul Seixas

entrevistas e conversas foram todas ambientadas no cemitério de Brasília; essas opções podem parecer contraditórias num trabalho acadêmico, mas a própria morte não o é?

## 1.1 – A Morte

Uma das primeiras experiências com a morte ocorreu na infância, quando encontrava ratinhos mortos no quintal eu os enterrava; minha mãe, enfermeira sabendo de todas as doenças, me sentava no tanque da lavar roupas e calmamente me explicava que o corpinho do ratinho seria alimento para a terra e esta alimentava as plantas e estas, por sua vez, são o nosso alimento; enquanto falava da importância da morte, lavava com muito cuidado minhas mãozinhas. A atitude calma e a explicação de vida e morte como faces de uma mesma moeda marcaram minha forma de ver o mundo.

Sobre a morte Tolkien numa das primeiras passagens do *Silmarillion* descreve que Eru Ilúvatar depois de meditar comunica aos Valares a criação de seus filhos. Os Quendi (elfos) seres de beleza, sabedoria, agilidade e graça e os Atani (os homens) que ganharão um presente que lhes farão gozar a vida em toda sua plenitude e liberdade: a morte. “Inclui-se, neste dom de liberdade, que os filhos dos homens permaneçam vivos por um curto intervalo no mundo, não sendo presos a ele, e partam logo.”<sup>7</sup>

Ver a morte como um presente, para que a vida valha a pena, e nos livrar da frieza e do peso de viver eternamente, não é só a percepção do escritor da ficção, mas encontra eco em Ziegler, “sem uma limitação do nosso tempo de vida, os atos cotidianos não possuiriam essa unidade, essa urgência febril, essa qualidade permanente de escolha e essa fundamental dignidade” (ZIEGLER, 1977, p. 281) que inclusive amplia esse limite ao dizer que a morte garante a continuidade da vida na terra. E, em Morin (1976, p. 305), ao questionar “se o homem amortal seria, ainda, o homem, que se define a si mesmo, como mortal. Mas se a mortalidade é efetivamente a qualidade do humano em relação ao divino, a aspiração à imortalidade e ao divino é precisamente o que diferencia o humano do animal”.

Na nossa sociedade individualista, preocupada com o lucro e com a ideologia do progresso, o cadáver e os dejetos são inúteis. Ocultamos o cadáver por detrás da palavra “corpo”, o enterramos e esperamos que não se fale mais sobre o assunto: lembrar sempre do

---

<sup>7</sup> Tolkien é autor do mundo de fantasia Terra Média, mais conhecido pela trilogia de filmes “O Senhor dos Anéis” Tolkien. JRR. Do início dos tempos. *Silmarillion*.

morto ou ter um luto longo é considerado patológico, há uma exigência que tudo volte ao normal o mais rápido “devemos seguir em frente, né” me diz uma informante.

Ora, se a morte é silenciada e se a sociedade depende desta experiência reflexiva para ter a medida de sua existência, estudar esse processo de esvaziamento de sentido da morte, como essa violência é percebida pelos vivos e como o morto desaparece, é importante às ciências sociais.

A morte é um fenômeno que ocorre diariamente e atinge a todos, porém a forma como cada época e sociedade a percebe, lhe dando significado e ressignificado é diferente. Viver sabendo que vamos morrer e garantir que os mortos não nos perturbem e atinjam o *status*<sup>8</sup> que lhe foi reservado, se impõe a todos os grupos sociais.

A morte do meu pai aconteceu em casa, um dia pela manhã, percebemos que ele ainda não havia saído para o trabalho, o encontramos morto no quarto. Foi aí que descobri que o corpo pertence a polícia Federal, na necropsia ficou determinada a morte natural e somente neste momento que a funerária assumiu o trabalho<sup>9</sup>. Meu pai morreu e deixou questões não resolvidas comigo, o que faz, com que, de certa forma, ele continue vivo nos meus traumas. Foi meu irmão quem carregou o meu pai até o rabeção, foi sua forma de fazer as pazes com ele.

Philippe Ariés e Nibert Elias procuraram entender e sistematizar como a morte “foi” e “é” percebida pelas sociedades ocidentais; e apesar de divergirem em alguns aspectos<sup>10</sup>, ambos apontam para a dificuldade do homem moderno em encarar a morte, negando-a e ocultando-a.

A morte e os ritos desagregam o morto deste mundo para introduzi-lo no próximo, a desestruturação que ocorre com a morte deve ser reorganizada e são os ritos que colocam as coisas nos devidos lugares. O mundo dos vivos, portanto, estaria em relação direta com o mundo dos mortos e o mundo dos mortos vive no mundo dos vivos.

Colocar a questão da morte na sociedade moderna é constatar a morte da morte, ela que sempre foi vista como transformação passou a significar desaparecimento. O

---

<sup>8</sup> Cada grupo reserva algo para seus mortos, o termo *status* foi escolhido por abranger, s.m.j., essa diversidade

<sup>9</sup> Para maiores detalhes das questões burocráticas ver: Campos, A.S.B. “O Estado da morte: uma etnografia junto aos trabalhadores da morte.” Tese de conclusão de curso. UnB. Brasília, 2016

<sup>10</sup> Elias considera a perspectiva de Ariés romantizada ao considerar que a morte medieval era serena. Para saber mais sobre essa divergência ler: Vargas, M. A.; Meyer, D. E. E. “Re-significações de vida e de morte: delimitando modos de educar”. Revista Educação e realidade, v. 28, 2003. Pp.65-86 e Joaquim, C. M. G. “Weber, Simmel e a morte sem sentido.” Revista Em Tese, v. 4, 2007, pp. 85-100

conceito foi fraturado na sociedade, com a individualidade, não há mais testamentos pedindo rezas ou missas para seus familiares realizarem em prol de sua alma, não há mais mediações; solitário, o indivíduo, não sente que exista mais nada em comum com os outros. Para Morin “a angústia, e por consequência a própria morte, é o fundamento mais certo da individualidade.” (MORIN, 1976, p. 277)

O homem atual transfere a morte para o hospital, a coloca nas mãos de técnicos especializados, que sofrem de estigma por sua profissão, e em nome da saúde e higiene perdemos a intimidade e os conceitos para pensar e naturalizar a morte.

## 1.2 – Senhores da morte

A perspectiva ocidental moderna de afastamento da morte e a medicalização da vida é decorrência da valorização do indivíduo enquanto trabalhador e consumidor, que deve ser mantido em “bom estado de funcionamento”, isso transfere a atenção do doente para a doença, por conseguinte a medicina se torna estratégia política e econômica.

O aumento da duração do funcionamento da máquina humana de produzir se transforma em signo do progresso das nações, em ideal de ser da sociedade industrial, mascarado sob o pretexto de prolongamento da existência individual, que se quer ilimitadamente aumentada até a eternidade (negação da morte), mas que na realidade é otimizada de acordo com as leis do sistema nem demasiadamente curta que não permita produzir, nem demasiadamente longa que seja deficitária socialmente. (RODRIGUES, 2006, p. 188)

Neste diapasão, o corpo é uma máquina que se pode conservar e reparar, promovendo o afastamento da morte e a conseqüente perpetuação da vida, o que leva a sociedade moderna a cultuar a beleza e a juventude escondendo o velho, o doente, o morto.

O indivíduo deixa de presidir sua própria morte<sup>11</sup>, que passa a ser uma questão técnica - científica, administrada pelo médico, dentro do hospital, é o que Ariés denomina de morte invertida. “O hospital se torna, daí em diante, o único local onde a morte pode certamente escapar a uma publicidade – ou o que dela resta -, considerada, portanto, uma inconveniência mórbida.” (ARIÉS, 2014, p. 770)

---

<sup>11</sup> Aspecto muito explorado em Ariés, P. Sobre a História da Morte no Ocidente desde a idade média. Lisboa: Teorema. 1975 e Ariés, P. O homem diante da morte. São Paulo: Unesp. 2014.

A morte da minha tia ocorreu no hospital, estava internada fazia dias, as visitas eram nas quartas-feiras, na última eu não consegui ir ao hospital vê-la, me sinto culpada até hoje, fico pensando se ela morreu pensando que ninguém gostava dela. No velório o que me marcou foi o sepultamento, o caixão<sup>12</sup> baixou e enquanto a terra era diretamente jogada sobre ele, rasgou o material plástico de que a tampa era feita, era um caixão doado pelo governo, e pude ver as gotas d'água no rosto da minha tia que estava descongelando com o sol quente.

Não obstante, todo o esforço dos ritos hospitalares em purificar o morto e transformá-lo no “pacote”, a natureza segue seu ritmo. E o descongelamento da tia a vista de todos foi seu último ato de rebeldia e autenticidade.

## 1.2 – Estética da morte

Noutro velório parte da família foi informada pelo paramentador<sup>13</sup> que a pele da vizinha estava muito fina e as pessoas deveriam ter cuidado ao tocá-la para evitar extravasamento dos líquidos, assim os parentes ficaram perto do corpo e não permitiam que amigos e demais parentes se aproximassem.

Neste caso, só a possibilidade de destruir a ilusão de que o cadáver está dormindo foi o suficiente para gerar um imediato desconforto, pois existe uma repulsa aos fluídos causados pela morte; um claro lembrete do perigo da morte que gera repulsa e em alguns casos até nojo. Se o hospital procura tornar o impuro em puro, qualquer sinal de putrefação retira a noção de pureza do corpo e mostra sua mortalidade.

Existe, assim, em nossa sociedade uma preocupação com a estética da morte, o cadáver deve ser disfarçado, o corpo deve parecer estar dormindo numa cama coberta de flores e acetinada, é a ilusão esperada.

O agente funerário é o profissional da morte, o responsável por esses serviços, aquele que oferece a possibilidade de entregar um defunto que não estampe a face da morte. Ao re-humanizar o corpo morto, limpa, higieniza, maquia e até perfuma, a fim de oferecer à família, por meio de um corpo íntegro e reconhecido, a despedida necessária e tão importante no último momento. (CÂMARA, 2011, p. 148).

Para Ariés (2014) é muito importante manter a ilusão de vida, pois permite as pessoas vencerem sua rejeição ao morto, a sua impureza e putrefação; a reflexão de sua

---

<sup>12</sup> As funerárias utilizam o termo urna

<sup>13</sup> O termo paramentado significa “ornado de paramentos para a celebração”, considero significativa a profissão daquele que prepara o corpo, lavando-o, barbeando-o, vestindo-o e maquiando-o, seja exatamente paramentador é literalmente, vestir o corpo com suas melhores roupas e objetos de devoção para comemorar.

própria morte fica diluída e pode enganar o tabu da morte. Assim, esses rituais de limpeza e embelezamento do corpo servem para proteger os vivos, mantendo por mais algum tempo a aparência da vida. Essa interpretação encontra eco em DaMatta (1997) ao analisar a morte em sociedades individualistas.

## 1.4 – Pacote

A morte do meu irmão, de 18 anos, foi acidental, um atropelamento. Ao chegar no hospital de base, ainda de madrugada, procurei por ele na emergência e fui informada que ele estava no necrotério, ele já estava enrolado no lençol e dava para ver sua perna numa posição estranha devido a uma fratura exposta. Meu irmão caçula, que tive por obrigação cuidar por tanto tempo, estava ali, limpo cheio de algodão, enrolado no lençol, pronto para a funerária.

Um dos primeiros contatos da morte é com o pessoal da enfermagem, que intermedia esse processo de ocultação, e isso impacta profundamente a categoria, que desenvolve mecanismos específicos de defesa, que ajudam a disfarçá-la.

Hoje, entre médicos e enfermeiras, o paciente não morre: ‘vai a óbito’, ‘tem uma parada cardíaca’, é ‘SWAT negativo’, ou se está para morrer, é ‘paciente fora das possibilidades terapêuticas’, está com síndrome de JEC (Jesus está chamando). O preparo do morto, para ser entregue a funerária é dito: ‘fazer o pacote’. (SANTOS, 1983, p. 20).

Após o médico declarar a morte do paciente a equipe de enfermagem é chamada, eles isolam o local se houver outros pacientes em volta, para que eles não vejam, fecham os olhos, recolocam dentadura e/ ou outras próteses, retiram o acesso, soro ou outro equipamento que estiver ligado ao corpo, retiram ou refazem curativos, algodão é colocado em todos os orifícios, limpam o corpo, mãos e pés são unidos e amarrados. E a mandíbula também é fechada e amarrada com uma faixa que vai do queixo até a cabeça. Existe uma técnica para enrolar o lençol em diagonal no corpo e este é devidamente identificado. Me chamou a atenção nesta entrevista foi a dificuldade da profissional de saúde em tratar a morte:

tenho dificuldade em lidar com a morte, eu choro, não é uma coisa fácil. Eu falo com a família, eu sei que o paciente está morrendo, eu consigo encerrar ele, depois eu vou para o banheiro chorar. Eu ainda não consegui lidar com isso, e as pessoas esperam que eu me comporte como uma profissional. Eu

fico o tempo todo: não quero chorar, não quero chorar, com os olhos cheios de água<sup>14</sup>.

A dificuldade em lidar com a morte da interlocutora contrasta com a postura de sua avó:

minha avó tem até a mortalha, outro dia cheguei na casa da minha vó, ela tava vestida com a mortalha deitada em cima da cama, eu quase tive um troço, aí eu, - que é isso vó? - Eu tô treinando pra ver se vou ficar bonita quando eu morrer! Ela mesma costurou a mortalha, bordou com coisas douradas, ela disse que não nasceu, estreou. Ela é assim, ela bordou, ela sabe tudo, quer que dê uma festa, que tenha samba. Ela tava treinando, eu fiquei apavorada, eu que nem vou no velório de ninguém, vou só no sepultamento, quero guardar aquela imagem da pessoa... e ela treinando no dia como ia ficar no caixão.

Outra interlocutora da área de enfermagem trabalhou por dois anos fazendo o “pacote” em Belo Horizonte e no seu depoimento o que se destaca é o cuidado que se tem com o corpo, de respeitá-lo e a sua família, de deixa-lo limpo e com uma “aparência mais natural.”

A tanatopraxia, que substituiu a toailete do morto,<sup>15</sup> ainda mantém aspectos simbólicos poderosos, apesar de toda nossa cultura racionalista, seja assepsia real ou purificação simbólica, impactou profundamente as minhas duas interlocutoras.

## 1.5– Pornografia da morte

As duas profissionais estão desistindo da carreira na área médica, a primeira por não conseguir encarar a morte e a outra por ter ficado obcecada por ela, “ia todos os dias ao trabalho mesmo nas folgas, eu precisava ver os mortos, tocá-los, rezar por eles, era uma necessidade mesmo, não ficava nem um dia sem ver um corpo.” Esse comportamento excessivo pode ser explicado com o conceito de “pornografia da morte” de Jeffrey Gorer, para o autor, citado em Motta, 2008, e Ariés, 2014, a morte e o luto são tratados com a mesma censura que os impulsos sexuais da era vitoriana, o que promoveu o surgimento da

---

<sup>14</sup> O que me lembra o conceito de fadiga de compaixão, que consiste no sofrimento psíquico e emocional decorrente do controle emocional constante aliado a falta de condições de atender, cuidar e acolher; o que pode levar a uma prática burocrática do profissional de saúde ao procurar afastar esse sofrimento.

<sup>15</sup> A toailete tradicional continua entre os islâmicos e israelenses que a realizam no templo e na associação, respectivamente, pois o cemitério de Brasília não possui um local específico para a toailete tradicional e ritualística prevista nessas doutrinas

pornografia da morte, com a similaridade da pornografia sexual surgida do silêncio e do tabu generalizado, “isto na medida em que as imagens, temas e representações sobre a morte tornaram-se cada vez mais grosseira, caricata e irrealista.” (MOTTA, 2008, p. 17)

As notícias da morte na tv apresentam imagens fortes, de perda, de dor, de sofrimento, não fornecendo ao telespectador tempo para reflexão, são impessoais; isso acaba chocando, mas não comprometendo as pessoas, gerando uma fascinação com a morte, uma necessidade de consumi-la, a morte vira um espetáculo, (KOVÁCS, 2008) o que podemos observar pela multiplicação de programas e canais de investigações criminais e pelas belas imagens noturnas dos ataques aéreos passadas constantemente na televisão em tom de espetáculo tecnológico; a tela verde cheia de rajada de luzes é um show pirotécnico e não pessoas sendo mortas.

## 1.6– A fala do morto

DaMatta apresenta ao tema uma contradição brasileira, pois, segundo o autor, aqui se fala tanto da morte, quanto do morto, com isso, nós prolongamos a memória do morto e damos “aquela pessoa que foi viva uma forma de realidade” (DAMATTA, 1997, p. 119). Destarte, nosso grande medo não seria o de morrer, mas de ver um fantasma - isso se manifesta na popularidade das conversas de assombração – e de deixar o parente ou o amigo querido chateado.

Por isso visitamos, acendemos velas, levamos flores e conversamos com nossos mortos nos cemitérios, principalmente no dia de finados, como veremos num próximo capítulo, e rezamos pelas almas do purgatório em todas as missas.

O individualismo protestante, como demonstrou Weber, na ética protestante e o espírito do capitalismo, cria relação direta com Deus (não há mais confissão, nem purgatório, nem indulgências) racionalizando inevitavelmente a morte, que se personifica nos *funeral home*<sup>16</sup> dos norte-americanos. Porém, no Brasil as relações com os mortos, ainda,

---

<sup>16</sup> Instituições especializadas em cuidar do morto, as famílias não precisam se preocupar com qualquer aspecto da morte.

persistiriam, e estes continuam possuindo agência neste mundo, se manifestando, seja através de aparições, pedidos ou sonhos.

Meu irmão quando estava vivo disse que gostaria de ser cremado, nós tentamos satisfazer seu pedido, mas nada dava certo. A funerária não conseguia a autorização para o traslado; já era tarde, e nada da documentação ficar pronta, foi um stress, eu passei mal, cai na capela durante o velório. Então, minha mãe disse que iria enterrá-lo aqui mesmo, no momento que ela se decidiu, tudo ficou fácil, a papelada ficou pronta na hora e ele foi enterrado sem problemas, tenho certeza que foi ele que mudou de ideia.

Minha avó era católica e no velório os familiares evangélicos, não chamaram o padre e nem jogaram água benta, eu sabia que ela ficaria chateada, chamei algumas amigas dela que estavam no sepultamento e ainda conseguimos rezar um terço antes de enterrarem o corpo.

Os mortos continuam possuindo capacidade de agir, assim como: a tia que ao descongelar praticou seu derradeiro ato de rebeldia ou o irmão que mudou de ideia e desejou continuar em Brasília junto dos seus familiares e a avó que ficaria chateada sem o terço e o padre, assim, os parentes e amigos continuam fornecendo a seus entes queridos atividades e desejos e são movidos por eles, criando e recriando a presença do morto entre os vivos. Essa interferência não me parece tão forte, quanto descreve DaMatta (1997) de “fotos dos mortos” junto ao dos “santos” recebendo luz, flores e rezas nos altares em casa, mas, ainda, resiste em nossa sociedade.

Minha mãe sonhou com meu pai (morto em 1992 – conversamos em frente ao seu túmulo – ela olhou para este suspirou e continuou) ele vinha para busca-la; ela, então, disse que não podia ir, pois, precisava ver seus netos crescendo. Então ela acordou. Deu um pulo da cama e me ligou preocupada, por que meu pai veio lhe dar o recado.

Analisaremos um pouco mais essas questões, nos próximos capítulos, quando falaremos sobre os cemitérios, a saudade e no caso específico do cemitério brasileiro.

## **1.7– Resistência**

Compreender o fenômeno da morte só tem sentido se percebermos os significados que os indivíduos conferem a suas relações, inclusive as econômicas, para Ziegler, 1977, as pessoas que procuram a liberdade de morrer são revolucionários, pois há

uma incompatibilidade entre a economia capitalista e a aceitação da morte (RODRIGUES, 2006).

Todo o hospital segue uma lógica que visa retirar do paciente sua capacidade de tomar decisões, isso facilita o controle do paciente e não atrapalha o funcionamento do sistema familiar (ZIEGLER, 1977). Portanto, o paciente perde sua voz ativa e por isso nos surpreende quando a pessoa que está morrendo se recusa a ir para o hospital, impondo sua vontade, tomando suas decisões, não se permitindo ser infantilizado pelo sistema. Nesse caso que segue, acredito que aquilo que não foi dito pelos familiares e amigos fala muito sobre o que esperamos do paciente moribundo.

O velório é de uma vizinha, que já estava doente por muito tempo, estava muito fraca, só queria tomar café e já não conseguia se alimentar, e recusou-se veementemente a ir novamente ao hospital. Durante o serviço fúnebre, várias pessoas comentaram que ela morrera por que quis; acusando-a por ter se recusado a ver um médico.

Neste velório, não ouvi ninguém se opondo a fala comum, se perguntando se a avó estaria cansada dos efeitos colaterais dos remédios, de ser furada até os enfermeiros não conseguirem mais acesso, ou se ela já aceitava a morte e só queria morrer em paz ao lado do esposo e com um bom copo de café. A premissa é de que o hospital é quem decide a hora da morte, portanto, pode evitá-la e prolongar a vida, em nenhum momento foi cogitado que aquele era, por fim, o desejo desta avó “de exercer o direito de escolha da própria morte” (KOVÁCS, 2008, p. 463), o que levanta a questão do que é morrer com dignidade.

## Capítulo 2 – Terra dos mortos

“Lembro-me das gentes simples de minha terra para as quais morte e doença são os assuntos prediletos. Ah! as senhoras tristes que gostam de contar suas dores e operações... Para elas um câncerzinho é um prato raro! De doenças passam para espiritismo. Ciciam histórias de almas do outro mundo. De repente em meio da conversa fazem-se silêncios fundos. Estala uma viga no telhado. Uma das velhas suspira. Na alma de cada uma delas está plantado um cemitério.”<sup>17</sup>

Erico Veríssimo

Ele aponta para um homem que está perto e me diz que “ele está ali há 2 anos”, o homem está falando sozinho em voz alta e sua fala é sem nexos, mas percebo claramente que está falando mal do Ministro, qual deles não faço ideia, mas gosto de acreditar que ele está maldizendo um dos ministros do governo golpista. Então, o florista corta meu devaneio com a frase: “está vendo, eu o aguento a dois anos”, a frase é dita em tom de brincadeira, então, percebo que o nosso cemitério, também possui seus personagens exóticos.

Para entender o lugar da morte em nossa sociedade precisamos passear pela morada dos mortos, segundo Motta, 2008, os cemitérios são capazes de revelar a linguagem social de sua época, visto que desejamos ver os mortos no “espelho dos vivos”; com isso esses lugares são capazes de contribuir para a regulação do sistema simbólico da morte.

Neste sentido, o espaço do cemitério pode ser pensado ora, como profano, micro espaços, a partir da conceituação que Frúgoli Jr (2007) dá ao espaço nas cidades, como um local relacional e situacional, ou seja, os espaços adquirem significado e se adequam ao uso que lhe é dado. Ora como, sagrado, para Eliade (1992) são o “centro do mundo - *Axis mundi*”, já que surgem no meio do “caos” da relatividade do espaço urbano e torna-se o veículo de ligação entre Terra, céu e regiões inferiores.

Como vimos, no primeiro capítulo, o individualismo, que levou ao interdito da morte, refletiu-se na forma como cuidamos dos nossos mortos e provocou um rompimento na convivência entre os vivos e os mortos e os subordinou a racionalidade administrativa do

---

<sup>17</sup> Érico Veríssimo. “Os Heróis sem Ódio”, in: *A Volta do Gato Preto*. Porto Alegre: Globo, 1948, pp.37-38.

Estado; aqui destacamos a fala de uma das interlocutoras: foi na morte de seu pai, em casa, que descobriu que o corpo pertencia a Polícia Federal.

Num histórico da prática da inumação, os sepultamentos em valas coletivas vão desaparecendo com as práticas higienistas, os odores da putrefação vão sendo rechaçados pela sociedade na mesma velocidade em que aumenta a crença de que os miasmas nauseabundos fazem mal a saúde e os túmulos diferenciados e a individualização dos mortos florescem com a repulsa da inumação anônima.

Dentro desta mudança de mentalidade destacamos os cemitérios-cidades, com suas ruas, praças, muros e endereços, aonde os jazigos e capelas de família passam a ocupar o antigo espaço das igrejas com os mortos e através da visita, missas e da recordação dos mortos procurava-se retornar o convívio entre os vivos e sua geração póstuma. Se, na idade média, os cemitérios eram um local de sociabilidade e lazer, até sua proibição<sup>18</sup>, aqui se torna local de hierarquização familiar, como destaca Motta (2008), é a imagem do patriarca morto que se resguarda no seio da família, mantendo a continuidade da vida social.

Em meados do século XX os indivíduos vão se desvinculando das genealogias familiares e outra lógica de sepultamento se organiza: os túmulos individuais se multiplicam. Conforme explica Motta, (2008, p. 147): “o morto já começava a ser representado como sujeito autônomo, cujo grau de independência não necessitava ser compartilhado nem dividido, tampouco reconhecido como depositário de um destino comum, inscrito de gerações, produto de uma filiação”, o que leva a um novo tipo de cemitério: os cemitérios jardins.

Antagonicamente, estes cemitérios possuem uma progressiva tendência a padronização, fruto do controle e medicalização da morte e profissionalização do corpo; O novo tratamento simbólico da morte é que nenhuma alegoria alusiva ao corpo deva fazer parte do cemitério. Os mortos não são mais recordados nos túmulos de pedra, nas esculturas ou epitáfios, mas sim, nas fotos, objetos, ou músicas, deixando de ser necessárias as visitas e missas nos cemitérios. Para Motta (2008, p. 167) “o verdadeiro túmulo está muito mais

---

<sup>18</sup> O concílio de Ruão proíbe que se dance no cemitério e outro concílio de 1405 proibiu os jogos, atores, malabaristas e músicos, ou seja se proibiu o prazer de viver o cemitério. (Arés, 1989, p. 29)

presente na memória dos vivos, ou no cemitério dos vivos a ser cultivado no interior de cada indivíduo”.

Conforme ensina DaMatta (2012) a saudade qualifica socialmente os lugares e as relações, pois não são as experiências que nos levam a sentir a saudade, mas é a sua noção que nos faz refletir e sentir, e conseqüentemente qualificar e quantificar a realidade,

[...]não são as experiências individuais e fragmentadas do amor, da viagem e da ausência que constituiriam a saudade, mas, em vez disso, é a existência social da saudade como foco ideológico e cultural, a permitir um revestimento especial de nossas experiências, que faz com que a sintamos. (DaMatta, 2012, p.22)

Assim, os cemitérios foram qualificados durante muito tempo como local privilegiado para a manifestação da perda, mas que paulatinamente vai deixando de ser o lugar impar de recordação e memória do morto.

Rodrigues (2006, p. 172), observa, ainda, um outro aspecto sobre esses novos cemitérios; para o escritor, eles constituem um dos poucos lugares com árvores e tranquilidade nas grandes cidades, se tornando uma contribuição ecológica da qual não temos consciência, quase como se o morto dormisse próximo a natureza, enquanto os vivos morressem no caos urbano. O próprio cemitério é dissimulado em parque “é a versão moderna imposição de silêncio à morte”, neles quase não se percebe seu aspecto fúnebre, suas sepulturas são discretas e a morte quase não é vista, enquanto os mortos perdem sua identidade de cadáver em decomposição.

Tudo neste cemitério é feito com a função de neutralizar o significado da morte e é neste tipo de cemitério que o de Brasília se enquadraria, pela própria filosófica com a qual a cidade foi planejada:

oculta-se primeiro o cadáver, vestindo-o, envolvendo-o em uma mortalha, impedindo sua visão, fechando-o dentro de um caixão; depois, oculta-se o caixão dentro de uma sepultura e a sepultura sob um monumento; enfim, constrói um muro a ocultar o espaço inumatório, muro este que é posteriormente dissimulado por plantas, por árvores, por grades, por uma corrente, pela impressão de se tratar de um parque e não de um cemitério. Todos esses elementos, mortalha, caixão, grades, monumento... São ao mesmo tempo signos de separação e neutralização da separação. (RODRIGUES, 2006, p. 174)

## 2.1 – A cidade dos vivos

Para compreender a organização do cemitério Campo da Esperança, faz-se necessário, pensar as especificidades da cidade. Brasília é uma cidade planejada e seus espaços foram projetados e separados por suas funções, o solo foi cogitado para ser livre, sem obstruções, o que garantiria ao pedestre o uso livre da terra, o espaço deveria uniformizar, pois, no domínio público todos seriam iguais<sup>19</sup>. Assim, a cidade deveria ser igualitária e bucólica<sup>20</sup> (com suas casas germinadas e jardins coletivos) e neste diapasão, escolhe se um modelo de cemitério nos mesmos moldes, nas palavras do próprio Lúcio Costas “à maneira Inglesa<sup>21</sup>”, exatamente o modelo da sociedade industrial que segundo Rodrigues (2006, p. 175) neutraliza o cadáver através de seus cemitérios.

Porém, a cidade real difere-se da cidade planejada e o “espaço comum” não organizou socialmente as pessoas em torno dos equipamentos públicos urbanos, como era a proposta, mas gerou uma autonomia que possibilitou solidão e isolamento (FERREIRA, 2010). Para entender melhor esse ponto Machado e Magalhães (2010), afirma que a classe média brasiliense – principal usuária do cemitério Campo da Esperança – utiliza o espaço urbano de forma individualista, ou seja os equipamentos públicos são usados não para a socialização mas para colocar em prática seu projeto individual de crescimento; este aspecto se evidencia na negativa desta classe média em ter escolas públicas nos novos bairros residenciais como Sudoeste, Noroeste e Águas Claras.

E esse processo de individualização se acentua devido ao desenraizamento que estes segmentos médios sofreram em suas trajetórias de deslocamento para a cidade acompanhados apenas de sua família nuclear, Aragão (2015) afirma que Brasília ter sido constituída por essa classe média sem rede de parentesco -substituída por relações sócio profissionais – tem repercussões que devem ser consideradas.

Para o autor a ruptura nas relações de parentesco cria desajustes nas relações interpessoais, pois cada local possui seu próprio código social para regular as relações, como

---

<sup>19</sup> Documentário: “arquiteturas: superquadras de Brasília”, produção SescTv <https://www.youtube.com/watch?v=0MHYWo6yb3w> > acesso em 15 de novembro de 2017

<sup>20</sup> Item 17 e 18 do Relatório do Plano Piloto (RPP) de Lúcio Costa disponível em < [doc.brazilia.jor.br/plano-piloto/relatorio-lucio-costa.shtml](http://doc.brazilia.jor.br/plano-piloto/relatorio-lucio-costa.shtml) > acesso em 30 de abril de 2016

<sup>21</sup> Idem 19 do Relatório do Plano Piloto (RPP) de Lúcio Costa disponível em < [doc.brazilia.jor.br/plano-piloto/relatorio-lucio-costa.shtml](http://doc.brazilia.jor.br/plano-piloto/relatorio-lucio-costa.shtml) > acesso em 30 de abril de 2016

aqui, as pessoas vieram dos mais variados lugares, existe uma “flutuação do sentido” atribuído às relações, baseado nessa heterogeneidade cultural, emerge na cidade uma ideologia específica de poder, uma hierarquia relacional baseada na distinção, nas distâncias sociais: “vive-se igualmente sob a hipótese do status. Ninguém sabe com exatidão quem é quem; portanto, todos são o que pretendem ou dão mostra de ser” (ARAGÃO, 2015, p. 195). E esses dois aspectos brasileiros, individualismo e distinção, reflete-se no nosso cemitério como pretendo mostrar.

## 2.2 – Campo da Esperança

“Há muitos anos, quando as terras por aqui estavam divididas em cinco sítios — castanho, amarelo, vermelho, azul e verde —, conta-se que no sítio castanho vivia uma negra, escrava alforriada, de nome Esperança.

Esperança morava na nascente da veredinha, perto dos buritizeiros, na encosta da Serra do Paranoá. Os muitos filhos que ela teve cresceram brincando nas campinas verdes do lugar, nos prados dos arredores, tomando banho e bebendo da água do rio Paranoá, que corria ao pé da serra.

Dona Esperança acolhia no seu recanto os irmãos de cor que eram alforriados ou que fugiam das senzalas. De todos ela cuidava com carinho, como uma mãe. Aos poucos, o lugar passou a ser conhecido como o Quilombo dos Negros da Esperança.

Às vezes, Esperança tinha que perambular pelas fazendas distantes da região, em busca de alimentos. Em troca, ela benzia as crianças e os adultos contra mal-olhado, espinhela caída, vento virado e outros males. Fazia também chá de raízes e ervas do campo para curar problemas do estômago, da pele, do intestino, etc. Com o passar do tempo, ela foi ficando conhecida como a benzedeira do Quilombo Castanho. Os filhos de dona Esperança cresceram e foram trabalhar e viver em lugares distantes do Quilombo dos Negros da Esperança.

Um dia, ela ficou doente. Os chás, as ervas e mandingas não conseguiram curar a lepra que se espalhou pelo corpo da velha benzedeira. As pessoas dela se afastaram com medo da doença altamente contagiosa. Dona Esperança passou a viver da caridade dos vizinhos, até morrer.

Com sua morte, o problema ficou maior, pois os fazendeiros da região não aceitaram enterrá-la nos cemitérios que existiam dentro de suas propriedades. Eles tinham muito medo da moléstia e pensavam que a doença podia contaminar as terras da fazenda.

Conta-se que um fazendeiro, chamado Joaquim Guayano, mandou sepultá-la no Campo da Varginha, no Espigão Vermelho. O lugar recebeu o nome de Campo da Esperança.

A sepultura de dona Esperança começou a ser visitada pelos parentes, vizinhos e amigos. A notícia de que, depois de morta, ela fazia milagres,

espalhou-se rapidamente por toda a redondeza. Quando ficou sem chover por muito tempo aqui na região, o povo se reuniu ao redor da cova dela para orar, e grossos pingos de chuva começaram a cair. Os devotos voltaram para casa molhados da cabeça aos pés, mas com o coração cheio de alegria pela graça recebida da milagreira dona Esperança.

Vários anos se passaram. A cidade de Brasília foi construída e mudou a paisagem. No local onde moravam dona Esperança e os negros do Quilombo, foi construído o Palácio do Planalto, o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal. No lugar em que ela foi enterrada, é hoje o Cemitério de Brasília, denominado Campo da Esperança. Nele, junto com a escrava alforriada, repousam muitos pioneiros e cidadãos de Brasília.”<sup>22</sup>

Durante a construção de Brasília morre um operário, e só então, as autoridades percebem a necessidade de um cemitério para a cidade, o corpo foi enviado para Luziânia e Israel Pinheiro anunciou a construção da necrópoles ressaltando que os mortos seriam enterrados na grama, com lápides simples; O projeto é de Lúcio Costa e previa a criação de dois cemitérios um em cada extremidade das duas asas. O local escolhido para o primeiro ser construído foi o local onde se acreditava estar enterrada a negra Esperança. O segundo nunca foi construído (local de ocupação indígena) em seu lugar ergueram o setor Noroeste.

Sua planta desenvolve-se a partir de uma via principal em “Y”, de onde parte uma espiral (asfaltada) e vias locais radiais “terão chão de grama e serão convenientemente arborizados, com sepulturas rasas e lápides singelas, a maneira inglesa, tudo desprovido de qualquer ostentação”<sup>23</sup>. Seu formato em espiral alude ao infinito, “simbolizando uma fusão entre vida e morte em um eterno rodopiar.” (OLIVEIRA, 2016)

---

<sup>22</sup> Lenda do Campo da Esperança por Shineider Oliveira Melchior < [http://www.educacional.com.br/especiais/brasilia/relato\\_7.asp](http://www.educacional.com.br/especiais/brasilia/relato_7.asp) > acesso em 15 de novembro de 2018

<sup>23</sup> Item 19 do Relatório do Plano Piloto (RPP) de Lúcio Costa < [doc.brazilia.jor.br/plano-piloto/relatorio-lucio-costa.shtml](http://doc.brazilia.jor.br/plano-piloto/relatorio-lucio-costa.shtml) > acesso em 30 de abril de 2016

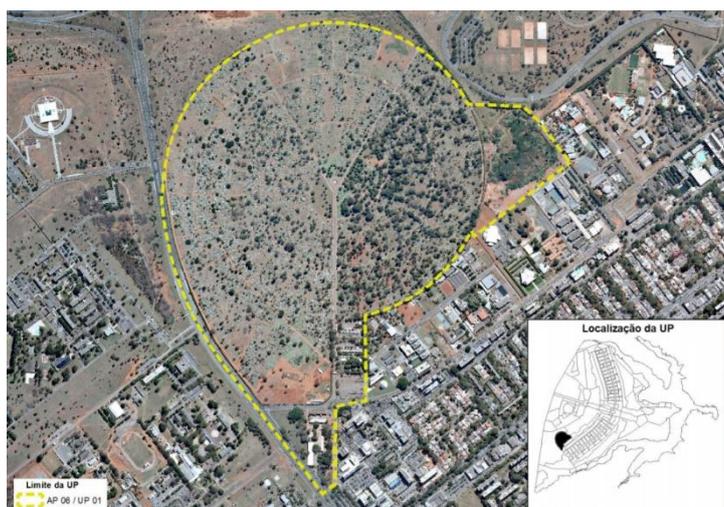


Fig 1 – Cemitério Campo da Esperança  
imagem Google maps



Fig 2 – Cemitério Campo da Esperança imagem  
SEGETH

O Campo da Esperança é dividido em 3 setores internamente. As sepulturas são alojadas em quadras numéricas, conforme previsto no projeto original da cidade, além disso abriga 4 necrópoles distintas em seu espaço: o cemitério israelita<sup>24</sup> e islâmico que são separados por questões religiosas (procurando respeitar as premissas de cada doutrina); e o dos pioneiros e das autoridades que se segregam por marcadores sociais. Enquanto os dois primeiros estão localizados no fundo do cemitério, na fronteira do espaço; os outros dois estão no centro, junto ao cruzeiro, conferindo a estes um local de destaque, além de uma configuração espacial e túmulos diferenciados.

No caso do Campo da Esperança, um cemitério situado em um bairro de classe média alta de Brasília, observa-se uma estratificação social que se evidencia pelo espaço das autoridades em oposição às quadras de seu entorno imediato, uma disparidade que é igualmente conspícua no cemitério dos pioneiros. (OLIVEIRA, 2016, p. 43)

Dentro da configuração das escalas em que Brasília foi planejada, o Campo da Esperança é um elemento fundamental da escala bucólica, formando junto com o Parque da cidade um bolsão verde dentro do Plano Piloto (a vegetação forma um bosque de árvores de médio e grande porte<sup>25</sup>), o que justifica o tombamento do cemitério, das capelas e do mercado de flores, que são entendidos pela Secretaria de Estado de Gestão do território e Habitação - SEGETH como um único complexo. O que está em consonância com o

<sup>24</sup> No israelita, por exemplo, existe o local para a pessoa fazer netilat yadáyim (abluição das mãos).

<sup>25</sup> Planilha de Parâmetros Urbanísticos e de Preservação – PURP 36 <

[http://www.segeth.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2017/10/ap6\\_up1\\_cemiterio\\_campo\\_da\\_esperanca.pdf](http://www.segeth.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2017/10/ap6_up1_cemiterio_campo_da_esperanca.pdf)  
>Acesso em 30 de abril de 2016

pensamento de Rodrigues (2006) ao se referir a este tipo de cemitério como uma contribuição ecológica bem-vinda à cidade.

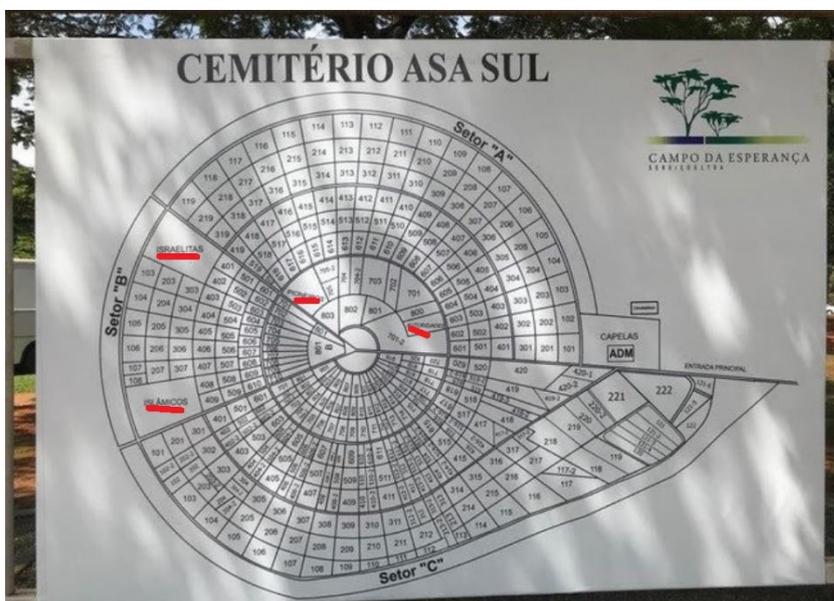


Fig 3 – planta do Cemitério Campo da Esperança, com destaque para os espaços segregados

## 2.3 – Campo Santo

Para Eliade (1992) ordenar o caos restaurando a ordem é característica do espaço sagrado, e é exatamente o que os cemitérios fazem através de seus ritos, os ritos funerários são “a teatralização da última relação com o morto”, que deve aparentar estar dormindo, rodeado de flores, e desta forma controlar os distúrbios gerados pela morte, causadora do caos, e instaurar uma nova ordem, com grande eficácia simbólica (BAYARD,1996).

Apesar da dessacralização dos cemitérios, eles ainda são considerados como locais sagrados, capazes de controlar o caos, despertar temores e como um meio de comunicação com os mortos, como verificamos no grande número de visitantes no dia de finados para prestar homenagens aos mortos, como ouvi em campo:

Eu sempre trago flores, acendo aqui - aponta um local com uma grande mancha escura de fuligem da chama e restos de vela, aonde ardem 6 velas -minhas velas e converso muito com ela, eu mantenho sua história viva. A gente está revivendo, eu rezo o terço pra ele, lembro muito dele, a gente não tira ele da memória. Sei que ela tá feliz com isso – mostra a decoração que estão fazendo no túmulo da filha – ter essa família que cuida dela. É um dia de festa para as almas, completa uma interlocutora

com um grande sorriso e dando por terminada nossa conversa, vira e volta a limpeza do túmulo.

O espaço do cemitério também não é um lugar qualquer, ele carrega implicitamente simbolismos mágicos, para ser um meio eficiente de comunicação entre as realidades, o espaço sagrado nunca é completamente aleatório, conforme Eliade (1992). E neste sentido, o cemitério de Brasília não fica num lugar qualquer, mas no campo da esperança. A lenda da escrava Esperança une os dois mundos o sagrado e o profano no cemitério da cidade.

A lenda da ex - escrava com lepra cujo corpo foi recusado nas fazendas, encarna o aspecto profano do nosso corpo biológico em putrefação que nos assusta e mostra como somos frágeis, e que torna o corpo indesejado em nossa sociedade.

Mas, ao mesmo tempo, essa ex – escrava é uma benzedeira capaz de curar, de transitar entre os mundos, e depois de morta, capaz de realizar milagres. “Os devotos voltaram para casa molhados da cabeça aos pés, mas com o coração cheio de alegria pela graça recebida da milagreira dona Esperança.” Assim, o local para a construção do cemitério foi escolhido por já existir nele todo um simbolismo mítico, capaz de legitimar e ordenar nosso sentimento de perda, um lugar que se tornou santo pelo corpo da Esperança, o campo da esperança.

Percebe-se que o tempo no cemitério está de acordo com o tempo sagrado, é um tempo circular, um tempo ontológico que “mantém se sempre igual a si mesmo, não muda nem se esgota” (ELIADE, 1992, p. 38). Esse tempo não é histórico, é um tempo “presente” onde as pessoas que visitam são retiradas do cotidiano, elas rezam, conversam, se emocionam, relembram, homenageiam, é um tempo onde aqueles que se foram, “estão”, é um tempo que está parado e que concomitantemente tende a eternidade.

E a forma em espiral da necrópole brasiliense revela esse transcórre de tempo diferenciado que ocorre naquele espaço

este cemitério não é linear... nem cronológico... mais parece um caracol, talvez nos lembrando que Cronos se recusa a penetrar em seu território... pode ser ainda um espiral... que nos levaria a uma “caminhada ritual” por um outro local esquecido... é como se o tempo passasse mais lento aqui, sabe, a gente entra reza o terço, limpa, acende a vela, é tudo tão calmo, dá até prá ouvir os pássaros... eu converso com ele, sabe, e quando vejo... já é tarde, nem vi o tempo passar neh. Eu gosto daqui é tranquilo, plantei essa árvore quando ela morreu, minha mãe, olha que sombra boa ela dá, nem parece que tem tanto tempo que ela táqui,

converso muito com ela, outro dia eu conversava e um passarinho, tipo, respondia, foi bom.

O cemitério por sua vez, não é um cemitério ordinário, mas um cemitério-jardim em formato de espiral, que atende ao mesmo desejo formalista originário do modernismo tardio que representa Brasília... Mais do que um elemento gratuito, a forma em espiral foi o elemento chave indicando uma repetição no espaço-tempo de mecanismos típicos da cidade. Como elementos do repertório formal e urbano, o caso do cemitério remete tanto ao Museu Infinito de Le Corbusier, o Spiral Jetty de R. Smithson, quanto a uma crença no poder espiritual do movimento circular.<sup>26</sup>

## 2.4 – Amarrando a mortalha

O Campo da Esperança foi planejado para ser um cemitério-parque, porém este aspecto não foi colocado completamente em prática, aqui defendo que esse antagonismo entre o planejado e o real é decorrente das peculiaridades brasilienses que observei no item 2.1 A cidade dos vivos: o individualismo e distinção social.

A principal característica de um cemitério parque é a ampla área verde, que vai além de um mero gramado, ele deve apresentar um conjunto paisagístico harmonioso, contando com bosques, trilhas e outros atrativos naturais. Além disso, os jazigos são subterrâneos, cobertos por gramado e o túmulo identificado por uma placa apenas (a forma desta placa varia de acordo com as regras de cada cemitério). Não é permitida a construção acima da superfície, para preservar a harmonia da paisagem. Tudo isso para criar um ambiente sereno, que favorece a reflexão, a introspecção e as homenagens de forma tranquila.

Obsta, porém que, o brasiliense, como afirma Aragão (2015), vive-se na hipótese do status, e o modelo de cemitério parque, que desaparece completamente com o corpo, se contrapõe a esse projeto da classe média alta brasiliense em se afirmar, como indivíduo único, numa cidade em que ninguém o conhece. Então, nosso cemitério reafirma o status deste grupo social ao classificar os mortos entre: pioneiros, autoridades e os outros. Ser pioneiro ou autoridade em Brasília significa ser enterrado em local privilegiado dentro da própria estrutura da necrópole, isso, por si só, já inviabilizaria o projeto de parque onde essa distinção não deveria existir.

---

<sup>26</sup> [http://ligianobre.org/index.php/pesquisas/desencaixotando-brasilia/](http://ligianobre.org/index.php/pesquisas/desencaixotando-brasil/)

No século XII as pessoas que possuíam poder e influência eram inumadas perto dos santos e de suas relíquias, sob a proteção das igrejas, no nosso cemitério, aparentemente existe, a mesma relação de prestígio, por possuir espaços exclusivos a pioneiros e pessoas de destaque, além disso seus túmulos podem ser relativamente diferenciados e são mantidos com maior cuidado pela administração, além de ficarem próximo ao cruzeiro que marca o centro do cemitério.



Fig. 4 a 5 - túmulos na área reservada aos pioneiros aonde podemos verificar uma maior utilização



do solo e uma diversificação na forma e padrão dos túmulos



Fig. 6 – local do túmulo de JK



Fig.7 – túmulo na área reservada as autoridades

Assim, as pessoas reafirmam na morte sua individualidade e seu status, que estariam representados não só na figura de JK (o corpo do presidente ficou no Campo da Esperança até 1981 quando foi transferido para o Memorial JK), mas também na figura do

engenheiro Bernardo Sayão, que foi a primeira pessoa enterrada oficialmente no cemitério e contribuiu para essa distinção.

Bernardo Sayão foi diretor da Novacap na época da construção da capital, era considerado um homem trabalhador daqueles que estava em todos os lugares, era admirado pelos candangos, e sua morte está envolta em mitos: Sayão teria movido sua barraca na noite anterior para ficar mais próximo da construção da Belém-Brasília e uma árvore foi cortada do lado errado e caiu exatamente sobre sua barraca, reza a lenda que o Curupira<sup>27</sup>, irritado com o desmatamento, tenha provocado a morte do pioneiro.

No sábado foi a romaria ao cemitério-virgem de Brasília - tão virgem, que durante toda a noite da véspera uma ponta de estrada de 2 quilômetros de comprimento e seis metros de largo fôra construída para levar e enterrar ali Bernardo Sayão. Enxugando a cara dura e máscula, mas molhada de lágrimas, um candango disse: 'Quando o doutor Sayão marcou este cemitério, perguntou a nós quem é que ia inaugurar ele. Ele é que ninguém haveria de dizer que ia.'

Em verdade, não o inaugurou sozinho. Se milhares e milhares de corações ficaram partidos com a morte de Sayão, um parou definitivamente de bater: o de Benedito Segundo, o motorista do jipe de Sayão. Quando soube da morte do chefe, nada disse. Limitou-se a morrer<sup>28</sup>. Foi enterrado na mesma ocasião. Se Sayão foi o primeiro morto a repousar no cemitério de Brasília, Benedito foi o segundo. Deixou, com sua morte tão tocante, o jogo de palavras mais sério e terno que já se fez no Brasil.<sup>29</sup>

Essas mortes efetivamente marcam a capital e os candangos, foi o único dia durante toda a construção da futura capital em que não houve trabalho; assim, defendo que essas duas mortes tão emblemáticas, a do Sayão e do Benedito, tenham contribuído efetivamente para a modificação do cemitério, seus túmulos foram marcados em mármore/pedra como algo perene, símbolo da nova capital feita em concreto, quase como se apenas o gramado intermitente do cerrado não fosse suficiente para aqueles mortos, e seus túmulos estão entre os mais visitados.

Devemos lembrar que tanto DaMatta (1997) quanto Aragão (2015) chama nossa atenção para o fato do Brasil ser uma sociedade do tipo relacional e neste tipo de sociabilidade as relações persistem ao indivíduo, portanto, mantemos obrigações com os

---

<sup>27</sup><https://justilex.jusbrasil.com.br/noticias/597516/ha-50-anos-morria-bernardo-sayao-engenheiro-que-ajudou-a-construir-brasilia>

<sup>28</sup> Benedito Segundo teve um infarto fulminante ao saber da notícia da morte de Sayão

<sup>29</sup> Único dia em que a construção de Brasília parou foi para o enterro de Bernardo Sayão. <http://doc.brazilia.jor.br/HistDocs/Pubs/1959-Callado-Bernardo-Sayao.shtml> > acesso em 22 de maio de 2016.

mortos, falamos deles com os parentes, guardamos fotos, honramos seus desejos, visitamos, acendemos velas, presentamos e sentimos saudades; o que justifica, no momento da inauguração do cemitério de Brasília não ter sido cogitado desaparecer completamente com os corpos, como ocorre numa sociedade do tipo individualista, mantivemos ali algo palpável no qual pudéssemos continuar a nos relacionar.

Assim, o cemitério rende-se ao tradicional túmulo marcado com uma construção acima do solo, e apesar de não possuímos sarcófagos imponentes, mausoléus ou uma arte tumular expressiva, elementos tão característicos dos cemitérios oitocentistas - baseados nas relações familiares, que como vimos os brasilienses de classe média alta abriram mão ao mudar para Brasília – estabelecemos também nossas distinções sociais, porém, em outros moldes.

Uma outra forma de estabelecer essa diferença social é o uso do solo, estando localizado num dos metros quadrados mais caros da cidade<sup>30</sup> o solo passa a ser um marcador social, desta forma os familiares procuram apropriar-se do máximo espaço para seu parente falecido, esse tipo de ocupação do solo é uma das marcas do cemitério brasiliense.

Esse cercamento dos túmulos a empresa diz que não pode não, a empresa não quer que faça isso, mas as pessoas fazem sem autorização mesmo. O povo gosta.



Fig 6 e 7 túmulos ocupando irregularmente a área pública

---

<sup>30</sup> Pesquisa do Sindicato da Habitação (Secovi) em outubro de 2017 aponta que o preço do metro quadrado no Campo da Esperança supera o de condomínios nos lagos Norte e Sul

À guisa de considerações finais podemos dizer que o cemitério da capital apresenta um aspecto híbrido, apresenta características de cemitério-cidade, com suas ruas asfaltadas, vielas, praças, bosques, administração, endereços, os mortos possuem sua casa, existem bairros mais valorizados que outros e ocupação de terras públicas, consistindo no reflexo da cidade de Brasília.

Mas, também possui características de cemitério parque, pois os túmulos buscam uma certa homogeneidade, sem mausoléus, sem estatuária fúnebre e sem construções imponentes. Há espaço entre os túmulos para gramados, árvores e bancos, deixando o local agradável e convidando a meditação dos vivos sobre a morte.

Porém, a necrópole brasiliense sofreu uma mudança substancial a partir de 2002 quando a administração dos serviços cemiteriais foram terceirizados como iremos perceber no quarto capítulo.



Fig - 8 um dos túmulos do cemitério



Fig 9 - detalhe de uma pequena escultura

## Capítulo 3 – Ritos

“Mas eis a hora de partir:  
eu para morte, vós para a vida.  
Quem de nós segue o melhor rumo ninguém o sabe,  
exceto os deuses”.

Sócrates<sup>31</sup>

Estou no trabalho, com umas dez mulheres das mais variadas idades, não me lembro o porquê, mas uma delas comentou que ao chegar do cemitério vai direto pro tanque, tira toda a roupa e sapatos, deixa-os lá e só depois entra em casa, e vai direto tomar banho; - neste instante estou prestando muita atenção – todas comentam que fazem o mesmo ritual, a mais velha do grupo diz que lava a roupa no tanque, separada das demais, não quer “sujar” a máquina e nem as outras roupas. Elas continuam falando sobre como o cemitério é sujo e dos cuidados que tomam para não “contaminar” a casa quando retornam de uma visita. Uma das mais novas, completa, que é um hábito de toda a família, que a mãe ensinou, então ela repete, nem sabe direito o porquê. Uma delas lembra das “mangas de cemitério” que sua mãe nunca a deixou comer. E outra diz: sua mãe está certa, vai que pinga sangue...

Neste terceiro capítulo procuraremos pensar os rituais fúnebres como instrumento que permite ressignificar a morte. Neste sentido, os enlutados e os trabalhadores do cemitério possuem rituais para lidar com a morte e a angústia que ela arrasta consigo. Este poder da morte em modificar sentimentos e emoções consiste exatamente em seu aspecto de ser incontrolável, de imprevisibilidade, e de ser desconhecida (DOUGLAS, 1976), e, por ser poderosa a morte é perigosa de alguma forma, e precisa ser neutralizada no rito.

A ideia de ritual foi utilizada para procurar pensar os acontecimentos ocorridos no cemitério, pois são eventos especiais, performativos, ou seja, são eficazes: dizer é fazer, possui intensidade efetivada por vários meios e criam valores. Todo esse material simbólico deve ser analisado para se compreender o motivo pelo qual a sociedade o reproduz (PEIRANO, 2002). Assim, o ritual funerário constitui um momento específico para se

---

<sup>31</sup> Platão. Apologia de Sócrates. São Paulo: Martin Claret. 2009.

refletir sobre a morte e poder ressignificá-la, então, procurar entender o significado de tais práticas é entender a própria sociedade.

Conforme o entendimento de Bayard (1996) sempre que um ato excede a finalidade técnica estaremos no domínio do ritual, que pode ter aparência de profano, mas que naturalmente se abre para o sagrado.

“no rito funerário trata -se de teatralizar a relação última com o defunto, de ‘materna-lo’, honrá-lo... em suma, fazer como se não houvesse morrido. Para ser mais preciso, lembrarei que o rito implica estrutura de sinalização, para de alguma forma, armar o cenário; agimos ‘como se’. Por outro lado, o rito integra-se em sistema dinâmico, o qual lhe confere eficácia simbólica, procedente de forças misteriosas; assim, tocar no defunto com a mão, velá-lo ou falar-lhe recria magicamente a presença do desaparecido: agimos ‘como se’, e isso é real.” (BAYARD, 1996, p.8)

Ainda, para Bayard (1996, p.10), mesmo os funerais modernos esvaziados de conteúdo, ainda tranquilizam os vivos, por colocá-los fora do tempo. E é por este poder estruturador e tranquilizador que recorremos ao rito quando aparecem situações novas – que ajudam a transpor o caos gerado pela incerteza – “a introdução do modelo intemporal tem poder sobre a realidade e elimina as dúvidas”. Se os ritos – através de seus gestos, falas e objetos – são capazes de afastar a angústia que o encontro com a morte provoca, é por conseguir “negociar a alteridade, a fim de inflecti-la em sentido positivo.” (BAYARD, 1996, p. 10)

Em nossa sociedade a morte faz com que os sobreviventes sintam culpa e os ritos, ao fornecerem um momento de resgate simbólico destas dívidas, acalma e absolve os vivos; “foi meu irmão quem carregou o corpo até o rabeção, foi sua forma de fazer as pazes com ele,” me conta uma interlocutora sobre como seu irmão se sentia culpado por ter brigado com o pai pouco antes de sua morte e a forma como pode compensar sua consciência. “Apesar das aparências, nossa cultura racionalista não nos livrou totalmente desses fantasmas, velhos como o mundo. Cercar o defunto de delicadezas, exigir que tenha boa aparência e passar longo tempo ao seu lado são provas de amor que desculpam o sobrevivente.” (BAYARD, 1996, p. 10)

São esses aspectos que vemos o tempo todo dentro do cemitério Campo da Esperança, que adota como forma de destruição do corpo a inumação (o retorno a mãe terra

– como ouvi de uma senhora) com o corpo envolto num lençol – no caso dos muçulmanos – ou em caixão, cujos túmulos são visitados no dia a dia e em especial no dia de finados<sup>32</sup>.

### 3.1 – Música, flores, velas, crianças e cores

Como observamos no primeiro capítulo nossa sociedade valora a morte numa miríade de aspectos negativos. Porém, os ritos são capazes de imbuir a morte de sentimentos de amor e fortes emoções, são ritos de ressignificação. Mas, antes que os vivos possam se despedir de seus mortos é necessário atravessar a burocracia que transforma o morto em documento. Faz se necessário que o IML expeça um Laudo ou que o hospital forneça uma Declaração de Óbito, papéis que através dos expedientes de um cartório serão transformados na Certidão de Óbito – documento necessário para as etapas pós morte.

Como observado por Campos (2016, p. 62) o morto também precisa ser ressignificado pelo Estado, o morto deixa de ser um cidadão para se tornar uma perda, é o que ele denomina de ritual burocrático, “portanto, assim como o funeral é a maneira ritual por qual a família e amigos devem passar para lidar com a morte, o Estado também necessita que esta perda seja transcrita na sua linguagem imparcial, se fazendo necessário um rito de passagem burocrático”.

A compra do caixão<sup>33</sup> é feita na funerária, que como qualquer negócio procura vender o mais caro, e nessa negociação sentimentos e emoções são mobilizados; os familiares são induzidos a dar ao morto “o que temos de melhor”, “afinal o amor não tem preço”.

“A pressuposição e o subsequente reconhecimento do estado emocional, interação performada — ou construída — pelos consumidores e pelos profissionais, influenciam os serviços e os produtos escolhidos e os preços por eles cobrados.” (NEVES e DAMOS, 2016, p. 29)

Além disso, existe uma enorme oferta de produtos, com estéticas, cores, e materiais diferentes; assim, um outro fator envolvido é a distinção social, a “última casa” do

---

<sup>32</sup> O Dia de Finados é um dos rituais religiosos da tradição católica e visa lembrar a memória dos mortos, bem como rezar pela alma deles, pois, para a Igreja Católica, a alma da maioria dos mortos está no Purgatório, buscando a purificação, assim, a alma necessita de orações dos vivos.

<sup>33</sup> A funerária chama de urna

morto deve estar em acordo “com sua posição social em vida”. O velório, sepultamento, padre e jazigo são contratados junto a administração do Campo da Esperança.

A relação do morto com essas burocracias é um tanto ambígua, pois ao mesmo tempo que é objeto dessas obrigações, é também partícipe ativo nestas etapas “através de sua memória e presença moral”. (NEVES e DAMOS, 2016, p. 29)

Assim, concluímos que nossa sociedade impõe ao morto uma série de obrigações pós morte que serão executados pelos vivos: IML, laudos, cartório, certidões, traslado, contratos de prestação de serviços, de compra e de aluguel serão negociados, documentos serão assinados; tudo vai tornando o morto, outra coisa, que não seja matéria em decomposição.

### **3.1.1 – Banho**

A água possui todo um simbolismo de vida e purificação, ela remete “às estruturas arcaicas e profundas do subconsciente” (BAYARD, 1996, p. 17) ela representa a água do mar primordial, de onde surge a vida, o líquido amniótico, onde somos gerados, tornando-a elemento essencial de muitos ritos. A água é parte constituinte da nossa experiência com o sagrado, e a substância que permite o renascimento da vida para diversas tradições religiosas.

A morte é vista como o retorno à “mãe terra” ou ao renascimento em outra vida, há uma interligação entre ambos, assim se há água no nascimento, há água na morte, e mesmo que o antigo hábito de enterrar o cadáver com um pouco de água benta tenha sido abandonado, ainda existe a figura do padre a que joga no corpo durante a despedida. “A aproximação morte/nascimento encontra-se no rito cristão de aspersão do cadáver com água benta, ‘que purifica e faz viver’, diz o ritual do batismo” (BAYARD, 1996, p. 19). Essa relação da morte/vida está de tal forma arraigado no nosso subconsciente que a imagem de Brasília com os dois campos santos previstos faz lembrar um útero estilizado.

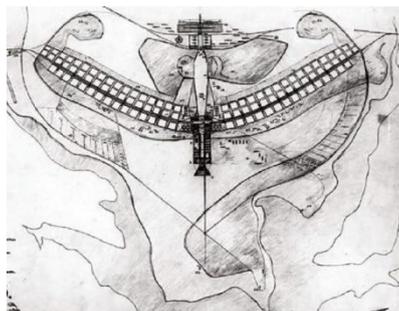


Fig – 15 imagem do projeto de Brasília alterado para mostrar a projeção do segundo cemitério previsto no fim da Asa Norte

A água lava o corpo e, conseqüentemente, purifica-o, qualidade que lhe conferem um grande simbolismo, e, embora, certos cuidados corporais sejam exigência da higiene, a toailete mortuária procura apagar os sinais de sujeira que ofendem a “dignidade” do morto e a sensibilidade dos vivos, como inferimos da fala de uma das enfermeiras interlocutoras: “se morrer na cirurgia temos todo o cuidado de fechar o corpo que o médico deixou aberto no centro cirúrgico, refazemos os curativos, retiramos os acessos, lavamos o corpo com água e sabão, vestimos a roupa, penteamos o cabelo; há muita preocupação em respeitar o corpo, de evitar a saída de gazes e odores fétidos, sangue e secreções.”

Todo esse cuidado é repetido na funerária onde ocorre nova higienização e todo um procedimento é feito para retardar os feitos pós morte e deixar o corpo com uma “aparência mais digna”: sangue e vísceras são retirados, o corpo é embalsamado e preparado para o funeral, os orifícios são fechados, a pele é envolta em plástico para reter os líquidos e preservar a pele “porque você sabe que depois de 24 horas há a decomposição e o sangue vaza, em alguns casos sai a pele, então é preciso formol e ‘vedar’ o corpo para não chegar no velório e o corpo não estiver adequado.”(CAMPOS, 2016, p. 71)

Mesmo sendo esses dois procedimentos técnicos há uma grande preocupação em descaracterizar a morte, de despi-la de suas características impuras, sujas, ou seja, perigosas, assim respeitar o morto e deixa-lo com uma aparência palatável para a família é um rito onde a água apresenta um aspecto central.

Para os mulçumanos<sup>34</sup> e israelitas<sup>35</sup>, cujo processo de toalete mortuária segue a prescrições religiosas, o rito é detalhado e preciso com o intuito de retirar toda a sujeira e impurezas para se apresentarem na frente do Senhor em estado de pureza absoluta. Em Brasília a toalete é feita pelo próprio Sheikh no Centro Islâmico na 912 norte e o rito israelita na Associação Cultural na 305 norte.

### 3.1.2 – Velório e sepultamento

A Capela<sup>36</sup> é toda em mármore branco e o caixão com o morto está no centro da sala próximo a parede do fundo, está suspenso por duas estruturas prateadas que o deixa na altura de uma mesa, tem ao seu lado velas acesas e um crucifixo em material prateado, está próximo do caixão, formando um altar. Na parede dos fundos várias coroas de flores são colocadas, em todas há frases de condolência e homenagens. São flores brancas, amarelas e rosas com muita folhagem verde ao redor.

O morto está deitado no caixão, com boa aparência, bem vestido e com um terço<sup>37</sup> nas mãos. Está rodeado de flores e recoberto com um véu de filó branco. As pessoas mais próximas ao caixão são os familiares mais ligados ao morto, enquanto nas laterais próximo das duas portas grandes de vidro ficam os demais familiares, parentes e amigos.

Os sons são baixos e respeitosos, as pessoas se aproximam dos familiares com palavras ternas, há abraços, emoção e choro. Alguém começa a puxar um terço e logo muitos estão acompanhando, e quem não conhece fica em silêncio ou sai da capela de forma silenciosa. O padre chega sua fala é para tranquilizar os familiares e amigos, mais “pai nosso” e “ave-maria” se repetem e o padre joga água benta no corpo.

---

<sup>34</sup> <https://amulhereoislam.wordpress.com/tag/funeral-islamico/>

<sup>35</sup> [http://www.chabad.org.br/ciclodavida/Falecimento\\_luto/artigos/maneira.html](http://www.chabad.org.br/ciclodavida/Falecimento_luto/artigos/maneira.html)

<sup>36</sup> O Campo da Esperança possui dez capelas mais dois templos ecumênicos em forma de estrela, os quais não tive a oportunidade de ver por dentro.

<sup>37</sup> O Santo Rosário compreende a meditação dos vinte mistérios da Fé Católica, divididos em quatro grupos de cinco mistérios - denominados Terço. O "terço" é composto de uma cruz seguida de contas (bolinhas), trançadas em um fio ou corrente, separadas em grupos específicos que representam no total as orações de um Credo, seis Pai-Nosso e cinquenta e três Ave-Maria.

Sair um pouco da sala é comum “para respirar outros ares” e refletir sobre a morte; a carga emocional e simbólica na capela é forte, ali a matéria perigosa em decomposição se transforma, em algo que deve ser respeitado. A sociabilidade dentro da Capela mostra isso, as pessoas mais próximas do caixão são aquelas com a dor mais latente, elas choram e são consoladas, enquanto os outros ficam a certa distância conversando sobre a família e os feitos do morto.

Esse processo continua com o sepultamento; o funcionário do cemitério chega, fala só o necessário, fecha a tampa do caixão e com a ajuda dos presentes leva-o para o carrinho, as coroas de flores são levadas e segue para o local previamente destinado ao sepultamento, as pessoas vão seguindo, falam baixo, no local há um toldo verde, a família se despede mais uma vez, o caixão é baixado algumas pessoas jogam flores e o buraco é fechado com placas de cimento e lacrado. As coroas de flores são deixadas sobre o túmulo formando uma “cama” e as pessoas deixam o local calmamente.

Os símbolos presentes: a cor branca, a luz que penetra pelas laterais de vidro, as velas, as flores, os símbolos religiosos, o crucifixo, o terço, o véu, a água benta são mecanismos utilizados para a transformação do impuro em puro. O perigo do corpo em decomposição – da morte em si - se transmuta em algo limpo pela água, pelas palavras repetidas, como um mantra, do terço, pelas flores e pela paz transmitida pelo branco e pela luz, pela pureza representada pelo véu branco, tudo feito para deixar o corpo em condições de retornar a terra ou para estar na presença de um ser superior.

### **3.1.3 - A festa dos Mortos**

O dia mal clareou e as pessoas já estão chegando no cemitério, entrar no Campo da Esperança é como chegar em outra cidade: de formato circular, o cemitério é extenso, e abre suas portas para que os vivos adentrem em seus domínios e tragam suas oferendas. As buzinas do engarrafamento são abafadas pelas vozes, pela alegria das crianças, pelos cantos dos pássaros, pelo som das folhas sopradas pelo vento e pelas chamas que consomem as centenas de velas.

No cruzeiro, que marca o centro da espiral que circunda o campo, as pessoas realizam orações, colocam flores e acendem velas que queimam promovendo um espetáculo de cores, cheiros e sons peculiares que compõem a paisagem do local.

Num olhar mais apurado vemos famílias unidas limpando, lavando ou pintando as sepulturas, enquanto crianças correm e brincam nas proximidades. As fotografias das lápides, as flores, os presentes são imagens que intermediam a relação dos vivos com os mortos, em cada gesto, em cada canto o sagrado nos rodeia e percebemos que existe algo mais. É como “ler o invisível no visível, a presença na aparência”. (LELOUP, 2006 apud NETTO, 2016, p. 4)

As pessoas passeiam, conversam, se sentam, leem e desfrutam de momentos de solidão e reflexão. Tudo parece diferente, a velocidade é diferente. Então, sopra o vento, o cheiro das velas nos atinge e nos “fazem lembrar da nossa humana fragilidade diante da morte; é indescritível nossa sensação de paz” (NETTO, 2016, p. 5).



Fig - 10 e 11 fotos do dia de finados

Mesmo numa cidade como Brasília, conhecida pela individualidade e pela estrutura modernista, as pessoas mantêm vínculos com os mortos. E o dia de finados é o ápice desta relação, onde as visitas ao cemitério constituem uma forma de manter viva a pessoa querida.

Os objetos e os espaços por si só possuem identidade quando as pessoas passam a criar vínculos emocionais e simbólicos com eles. Além das relações simbólicas com os mortos também se estabelecem relações simbólicas com certos elementos e com os espaços que eles ocupam. Nesta medida, as velas, orações e flores são símbolos que nos unem aos mortos numa relação de conforto e ajuda. A fala de uma interlocutora retrata esse aspecto simbólico:

“Quando saí do elevador um cheiro de flores me imobilizou, não conseguia entrar, eu não queria deixar aquele cheiro bom e chamei minha mãe – queria que ela sentisse aquele perfume também, era uma coisa boa, - mas ela não veio; falou algo que eu não entendi e me chamou, ela queria que eu fosse na cozinha, e ficamos nesse impasse, até que o cheiro se dissipou e eu entrei.

Então, minha mãe contou que foi fazer o suco, que meu irmão sempre fazia pela manhã, e a luz que nunca acendia, acendeu. Como era o aniversário da minha mãe, nós temos certeza que meu irmão veio dizer pra ela que ele estava bem, afinal, flores e luz são coisas boas neh; tinha só 4 dias da morte dele, minha mãe estava muito triste e isso foi muito importante sabe, ajudou ela a superar, nunca é fácil a morte de um filho neh. Nós acreditamos que este foi o presente de aniversário da minha mãe, saber que ele tava bem”.

Assim, os cemitérios não são apenas lugares para abrigar os corpos, mas possuem valor simbólico de proteger os vivos e mantê-los mais próximos de seus mortos evitando uma separação abrupta e o esquecimento. É um espaço santificado pelos corpos, como verificamos no grande número de visitas ao túmulo da menina Ana Lídia<sup>38</sup>, considerada santa.

Os ritos fúnebres, como o dia de finados, tem esse efeito de retardar a separação, as flores, rezas, terços, velas tem esse poder de comunicação com os mortos e simbolizam esse desejo de que o morto esteja bem, que esteja descansando, “ele veio dizer que estava bem, afinal, flores e luz são coisas boas neh”.

Os ritos refletem os valores compartilhados por um grupo, assim, o dia de finados reflete a preocupação que ainda temos com os mortos - mesmo com toda a neutralização que vimos no primeiro capítulo – e ao levar elementos que a sociedade considera boa e sagrada estamos efetivamente auxiliando o morto e demonstrando nossa inquietação, citando Mary Douglas, Menezes e Gomes (2011, p. 91) afirma que

---

<sup>38</sup> Foi o primeiro grande crime da capital, a menina, com então 7 anos, foi levada do colégio, estuprada e encontrada morta no dia seguinte ao seu desaparecimento

[...] não há amizade sem ritos de amizade; não há morte sem ritos de morrer. Os ritos são a forma indispensável para exprimir e solidificar os vínculos, suscitar a partilha de emoções, valorizar certas situações, assegurar e reforçar a coesão social.

Bayard (1996, p. 11) sustenta que o rito funerário possui características ambivalentes; no discurso manifesto o rito é para o morto “favorecendo sua entrada para um estatuto de sobrevivência potencial” – seja no mármore do túmulo ou na memória dos amigos e parentes; e no discurso latente diz respeito aos vivos “é necessário dominar simbolicamente a morte para tranquilizar, curar e prevenir”, ou seja, são ritos de vida.

Os ritos têm como função dar um destino ao corpo, interceder pela alma e reintegrar os enlutados na sociedade (MENEZES e GOMES, 2011), a finalidade dos ritos também pode ser considerada como um processo de separar os vivos dos não-vivos e assegurar a sua inclusão no estatuto post mortem (BAYARD, 1996).

Além do caráter de ressignificação, os ritos funerários também podem ser analisados como ritos de passagem, pois, estes são uma transposição do morto de um estatuto para outro. Há ali uma mudança não só de forma, mas também de conteúdo do corpo. Turner (1974, p. 116), explicando Van Gennep, mostra que os ritos de passagem ocorrem na “mudança de lugar, estado, posição social, de idade” e estes ritos são compostos de três fases: a separação (ruptura), a margem (limbo) e a agregação (reincorporação). As pessoas que estão na margem, na liminaridade, estão numa situação ambígua, não pertencem a lugar nenhum, estão fora do mundo.

No processo de morrer os enlutados passam pelas mesmas fases: que são caracterizadas pela separação com a inumação do corpo: liminaridade é o período de nojo, onde o enlutado fica afastado de suas funções cotidianas, na nossa sociedade corresponderia a licença nojo<sup>39</sup>, que dura alguns dias, ao fim do qual o enlutado deve ser reincorporado na sociedade e deve voltar a funcionar normalmente. Esse período tão curto de luto está em harmonia com as observações de Ariés (2014) ao sustentar que nossa sociedade esconde o luto e a tristeza, e que não aceitamos manifestações longas ou muito incisivas de luto, como vemos nesta fala: “Quando meu marido morreu as pessoas diziam para eu superar, parar de

---

<sup>39</sup> Esse nome mostra o caráter sujo que nossa sociedade confere ao período de luto

chorar, para eu sair, seguir em frente, elas queriam que eu esquecesse, mas eu não queria esquecer.”

O morto também passa por estes períodos: com a morte cerebral a pessoa deixa de pertencer ao grupo dos vivos, e entra na liminaridade, pois, pode ter seus órgãos doados – seu corpo não está vivo, mas também não está morto, e até que a certidão de óbito seja expedida, encontra-se para o Estado numa situação indefinida – não possui mais as obrigações do cidadão ao mesmo tempo que ainda não teve sua condição reconhecida para que se tomem as medidas cabíveis aos mortos. Após a certidão adentra na categoria de morto e pode ser preparado<sup>40</sup> para sua “morada eterna”.

Esse limbo - é um estado de existência que fica entre a vida e a morte, - que a liminaridade coloca o morto - também pode ser entendido de uma forma mais metafísica, “ah! Minha filha, a alma fica esperando a missa de sétimo dia, por isso tem de fazer viu,” “tinha só 4 dias da morte dele, minha mãe estava muito triste e isso foi muito importante sabe, ajudou ela a superar,”<sup>41</sup> e, esse processo está impregnado no nosso imaginário, no cinema, seriados e livros é um recurso utilizado nas narrativas, que retiraram o protagonista da ação e colocam-no no Limbo aonde irá passar por um processo de auto-análise e de aprendizado, para depois, ser reintegrado de forma mais eficiente no grupo.

Dar ao corpo o banho (purificador ou não), criar a aparência de estar dormindo, chamá-lo de pacote ou peça, ou seja, tirar do corpo seu caráter mortuário (como analisado no primeiro capítulo), assim como, mudar o aspecto perigoso da morte em algo purificado pelo ritual são formas como nossa sociedade se relaciona com a morte. Os funcionários do cemitério também passam por um processo de neutralização e ressignificam a morte e faremos essa análise no quarto capítulo.

---

<sup>40</sup> No caso de indigentes temos um outro tipo de preparação e uma outra categoria “corpos doados para estudo”

<sup>41</sup> Para o espiritismo, após o desencarne, a energia vital e o nosso corpo etérico funcionam como uma âncora vibracional. É preciso que essa energia seja dispersada, e por isso os espíritos ficam por pelo menos 3 dias trafegando pelas frequências mais densas, que as pessoas generalizam chamando tudo de “umbral”.



Fig – 12, 13, 14, 15 e 16 fotos do dia de finados

## 4 - Os vivos na cidade dos mortos

“Quem sabe dizer se a vida não é o que chamam de morte  
e a morte não é o que chamam de vida?”  
Eurípides<sup>42</sup>

A primeira vez que tive de dormir na rua, na minha inocência de quinze anos, meu medo era de algum bicho entrar na minha orelha. Mas depois de mexer em lixo para comer, pegar tapete das casas para poder dormir e sofrer na pele a violência das ruas, descobri que o que faz mesmo a diferença é a água. Ah, água! Ou melhor a falta dela...

O cemitério Campo da Esperança passou por modificações a partir de 2002 com a terceirização dos serviços funerários. Na época, três empresas se uniram, criando a Campo da Esperança Serviços Ltda.<sup>43</sup>, a empresa que venceu a licitação promovida pelo Governo do Distrito Federal, conquistando, assim, a concessão da administração dos seis cemitérios existentes no Distrito Federal: Cemitérios de Brasília, Taguatinga, Gama, Planaltina, Sobradinho e Brazlândia.

Segundo a empresa o grande diferencial apresentado, após a terceirização da gestão dos cemitérios do DF, foi a implantação do “sistema parque”: “Atualmente, o sistema mais moderno e mais utilizado no mundo<sup>44</sup>”.

Com esse novo sistema os túmulos desaparecem, o que fica sobre o gramado consiste numa placa e um castiçal – percebemos o desaparecimento da cruz que marcava os jazigos – o que divide na prática o cemitério em duas partes<sup>45</sup> e os trabalhadores em dois grupos: os funcionários da empresa (que só se obriga à limpeza, manutenção e endereçamento das áreas comuns e só realiza esses serviços em sepulturas individualmente quando remunerada pelos titulares, o que ocorre na parte “parque” do cemitério)<sup>46</sup> e os

<sup>42</sup>A frase é um trecho da peça Phrixus, Fragmento 380 de Eurípides

<sup>43</sup> Para facilitar a leitura quando fizermos referência a empresa Campo da Esperança Serviços Ltda. poderemos identificá-los simplesmente pelo termo a empresa

<sup>44</sup> <http://campodaesperanca.com.br/empresa>

<sup>45</sup> A parte antiga com sepultura que utilizava um espaço de 7m<sup>2</sup> e, no novo modelo, que ocupa 70 centímetros.

<sup>46</sup> Para facilitar a leitura quando fizermos referência aos jardineiros autônomos poderemos identificá-los simplesmente pelo termo autônomos

jardineiros autônomos – que negociam seus serviços diretamente com as famílias na parte mais tradicional. A chegada da empresa não mudou apenas a forma dos túmulos, mas também modificou as relações de trabalho existente no local.

Esse estilo de cemitério incorporado ao antigo, foi escolhido não pelas questões filosóficas ligadas ao cemitério parque, de auxiliar a reflexão e de ser um local agradável, mas por questões econômicas ao explorar o solo ao máximo,

a empresa não permite plantas nessa parte, e os túmulos são muito próximos, não tem espaço para o enraizamento das plantas, tem só uma pequena camada de terra, muitos gostam deste estilo (modelo antigo) que pode plantar uma plantinha, lá não pode plantar planta nenhuma, pode olhar lá, não tem planta nenhuma, ali, se plantar eles tiram, esse espaço aí, aponta o espaço entre os túmulos, estávamos nos antigos, você pode plantar, lá não pode; lá não tem como a planta viver, que é em cima de uma laje, e bota um pouquinho de areia e a grama por cima, ai não tem como a planta pegar raiz, não tem nem uma plantinha pra fazer sombra pra família.

As áreas destinadas aos jardins e bosques foram aproveitadas para inumação de novos corpos, para a empresa antes de assumir “não havia jardins, mas tão somente áreas verdes”, e por isso não vê problemas em utilizá-las para outra finalidade, assim, fica claro que o objetivo não é o parque, mas maximizar o potencial do empreendimento imobiliário<sup>47</sup>, pois, o cemitério, segundo a empresa, está com sua capacidade quase completa, lhe restando como última alternativa a exumação dos corpos das antigas áreas sociais.

Durante a CPI dos ossos<sup>48</sup> os deputados distritais chegaram a cogitar<sup>49</sup> a construção do segundo cemitério no final da Asa Norte como previsto originalmente, chegaram a buscar informações sobre a área reservada, mas logo em seguida a região foi liberada para a construção do setor noroeste e no ano passado saiu projeto de lei permitindo a implantação e autorização de cemitérios privados no Distrito Federal, assim percebemos as questões econômicas interferindo na gestão do morto na cidade<sup>50</sup> - mercantilização da morte. (NEVES e DAMO, 2016)

---

<sup>47</sup> Vamos lembrar que o cemitério fica num dos m<sup>2</sup> mais caros da cidade, assim até a morte gera exploração econômica, que mistura uso do solo com interesses políticos, empresariais e sociais.

<sup>48</sup> CPI instaurada pela Câmara Legislativa para investigar irregularidades da Empresa Campo da Esperança no cumprimento das regras da concessão de gerenciar os cemitérios da cidade

<sup>49</sup> [www.tc.df.gov.br](http://www.tc.df.gov.br) > Comunicação > TCDF na Mídia

<sup>50</sup> <https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/governo-prepara-projeto-para-liberar-cemiterios-privados-no-df.ghtml>

## 4.1 – A água

A chegada da Empresa impactou diretamente nos trabalhadores do cemitério, principalmente na gestão do uso da água. A instalação de hidrômetros no cemitério limitou o fornecimento da água apenas aos familiares que desejarem limpar os túmulos de seus parentes, água que deve ser buscada na administração o que limita em muito o seu acesso até mesmo para esse grupo.

Os antigos tanques de água que existiam espalhados pelo cemitério foram retirados e os jardineiros, profissionais autônomos que cuidam da conservação dos cemitérios sem vinculação direta com a Empresa concessionária, foram privados de um dos seus principais meios de trabalho:

depois, que eles tiraram a água as coisas pioraram, agora compramos de caminhão pipa, nós tinha uns 700 trabalhando, agora deve ser uns 300, a gente continua trabalhando graças a associação<sup>51</sup> e ao Arruda<sup>52</sup>. Com a privatização dos cemitérios houve um acordo entre a gente e a administração para a realização da limpeza de todo o cemitério e, em troca, nós ia usar a água para nossos serviços de limpeza, mas a empresa contratou jardineiros e separou os hidrômetros.

A água como mostramos no capítulo anterior possui toda uma simbologia ligada a limpeza e a purificação, então ao negar acesso à água, não estão apenas negando um instrumento de trabalho, mas também é negado a possibilidade de se purificar após a execução de um trabalho que a sociedade considera como sujo e degradante. É uma forma de manter o trabalhador naquele estado de sujeira e humilhação. Assim, o assédio contra os autônomos ocorreu tanto de forma direta, como de forma simbólica, “Eles pensa que a gente é bicho, não pode nem ir lavar a mão”.

Além, da retirada da água, a empresa tem tomado medidas com o intuito de impedir o acesso dos autônomos ao cemitério, isso fica claro, quando a empresa é intimada pelo TCDF a explicar o por que estaria praticando aumentos acima daquele previsto no contrato de concessão, ela “alegou, sofrer a concorrência direta e desleal de jardineiros autônomos, gerando inúmeros transtornos à concessionária,” “alegou também que o GDF

---

<sup>51</sup> Associação Dos Jardineiros Dos Cemitérios DF - Osjadem

<sup>52</sup> O então Governador Arruda, segundo meu interlocutor, teria perdoado a dívida dos autônomos com a CAESB

não tomou providências para expulsar os jardineiros autônomos<sup>53</sup>”. Desta feita, percebemos que a empresa deseja efetivamente ter os serviços de manutenção e jardinagem dos túmulos somente para si, e para tanto necessita retirar os jardineiros autônomos e estes sentem a pressão.

A empresa tentou tirar a gente daqui, mas não conseguiram não, tem neguinho que nasceu, desde pequeno táqui. Mas se fosse por eles tinha tirado mesmo, não tão nem aí. Aquele setor que é na terra mesmo, eles não querem que a gente mexa não, eles querem que a gente fica só nesse padrão antigo, lá só pode mexer a empresa, eles não querem jardineiro lá não, só os jardineiros deles. E aquela taxa que o pessoal paga e não vê nada e reclama, é só as plaquinhas sujas, a grama toda morta, e por isso que muita gente vem atrás de jardineiro para cuidar; e se a gente for pra lá, toma tudo deles lá.



Fig 17 - autônomo com 24 anos (em 2016) de trabalho no Campo da Esperança fazendo a limpeza num dos túmulos da parte antiga

O conflito, entre a empresa e os jardineiros autônomos, transborda para os funcionários da empresa, que percebem nos “autônomos” uma ameaça a seu emprego, gerando mais uma tensão no ambiente de trabalho, e mesmo sofrendo as mesmas dificuldades e estigmas daqueles que trabalham com a morte, acabam por tê-los como inimigos, e não como aliados na ressignificação de sua atividade, e se tornam fiscais da empresa, como me informou um dos autônomos:

Tem um rapazinho que é piloto de avião, ele viajou, e disse: ‘passa lá no jardim, lá na finada minha mãe,’ porque é ele que cuida, ‘dá uma molhada lá, enquanto eu chego de viagem.’ Eu fui molhar, e o cara veio bravo, deixou não, disse que não era pra molhar não. Eu disse: cuido daqui não, só vim fazer um favor. – ‘Não. Mas não pode molhar não.’ - já tô com a água aqui, posso molhar?

<sup>53</sup><https://www.tc.df.gov.br/app/mesaVirtual/implementacao/?a=documento&f=downloadPDF&iddocumento=1259451>

– ‘já tá com a água aí, pode molhar, mas só hoje, que não pode molhar não.’ Não entendi nada.

O trabalho dos jardineiros existe por que as famílias estão insatisfeitas com o cuidado dado pela empresa à limpeza do cemitério: “eu assumi e contratei um jardineiro pra cuidar de tudo, ele cobra o mesmo que a empresa e cuida direitinho, olha como está bem cuidado; é o jeito, não quero o túmulo abandonado”, me diz enquanto aponta para um túmulo rachado com acúmulo de folhas e lixo. E os jardineiros sentem se orgulhosos e reconhecidos, pois acreditam que seu trabalho oferece conforto para as famílias, “Fico todo cheio de orgulho quando uma família chega, e encontra a sepultura bem cuidada e se sente mais confortada”.

## **4.2 – Trabalho**

O processo de formação da nossa identidade dialoga com a percepção que os outros indivíduos fazem a nosso respeito, é o reconhecimento daqueles com quem convivemos (MONTEIRO, 2017). Neste sentido, o trabalho por ser uma atividade diária é capaz de mobilizar forças neste processo de construção identitária. A sociedade por seu turno confere as atividades laborais diferentes graus de prestígio e desprestígio, uma hierarquia moral e psicológica que cria um campo de trabalho considerado sujo, composto pelas atividades consideradas humilhantes, degradantes, nojentas, contaminadas e sujas (HUGHES, 2013).

O trabalho visto pela sociedade como sujo impregna o trabalhador desse atributo. É, como se, o trabalhador tivesse uma “marca” e torna-se inapto para ser aceito plenamente pela sociedade (GOFFMAN, 2008), o trabalhador perde suas especificidades e se torna apenas a marca. O atributo do trabalho que a sociedade considera como indigno, não é em si nem bom nem ruim, mas é na relação social que ganha sentido de “trabalho sujo”

Como vimos no primeiro capítulo a morte deixou de ser algo natural em nossa sociedade, para ser algo que precisa ser evitado, o que leva os trabalhadores que administram a morte a serem incluídos no rol de trabalhadores sujos, que sofrem de estigma por sua

profissão. Assim, como a morte sofre o desprestígio, os profissionais que lidam com ela também são desprestigiados.

“Também na nossa sociedade a morte tem *mana* e atribui *mana*. David Sudnow (1971) relata o estigma que recai, nos hospitais que estudou, sobre os indivíduos que se relacionam com cadáveres. Descreve que sempre que se constata a presença desses indivíduos desconfia-se da ocorrência de morte: de onde quer que esses indivíduos venham e para onde quer que eles se encaminhem, são sempre vistos e imaginados como indivíduos que recolhem cadáveres ou que se acham envolvidos nas horripilantes tarefas de necropsia. É fácil verificar este poder negativo nas conotações com que vemos os ‘papa-defuntos’, os coveiros e os que de uma forma ou de outra se relacionam com a morte.” (RODRIGUES, 2006, p. 63)

Nossa sociedade considera a morte um problema e confere aos “cuidadores da morte” o papel de eliminar seus vestígios e ao mesmo tempo os abomina, pois são a memória viva da sua existência. Como não temos coragem de lidar com a morte delegamos a estes trabalhadores a função, desejamos que o trabalho seja feito, mas não queremos ter consciência de como este é realizado.

Esses trabalhadores sofrem com o estigma daqueles que lidam de modo prolongado com a morte “as pessoas tem preconceito do meu trabalho, quando sabem do meu trabalho não querem tocar minha mão e me chamam de coveiro, de catacumba”, “Que quem trabalha aqui é discriminado, as pessoas ficam tudo com nojo”, “as pessoas olham e falam: ‘cara, cemitério?’” o que nos leva a crer que o estigma com esse trabalho, considerado sujo por lidar com a morte, existe na sociedade.

Como mecanismo de defesa, os trabalhadores considerados sujos, se apoiam em grupos de iguais, que passam a ser uma referência. É formado pelos companheiros de sofrimento e pode ser mecanismo eficiente de ressignificação destes trabalhadores. Cada grupo possui suas próprias estratégias de inclusão e exclusão, negociando constantemente o significado deste trabalho. O trabalhador se identifica e é identificado pelo trabalho e por exercerem um trabalho considerado repugnante, sofrem um rebaixamento de sua condição humana, passando a serem considerados igualmente repugnantes.

Assim os grupos tendem a se fortalecer e criar uma cultura própria, as ideologias ocupacionais (que operam no nível simbólico). A crença do grupo ocorre na orientação de dar um sentido positivo ao trabalhador, lhe permitindo conviver, e lidar e superar com a identidade negativa do trabalho, pois o trabalho molda o profissional, a subjetividade, o

afeto, a dignidade, o respeito pelo corpo e ao perguntar quem eu sou como trabalhador o grupo cria novos conceitos e fornece respostas que ajudem o trabalhador a superar o desprestígio e a dignidade do trabalho pode ser construída (MONTEIRO, 2017).

Percebemos, portanto, o motivo pelo qual a categoria de jardineiros autônomos se ajuda e credita à associação sua permanência no trabalho. A ajuda consiste principalmente em emprestar água em caso de necessidade “a gente tem aí o carrinho da gente” e em cuidar dos jardins em caso de doenças: “eu tive esse negócio aí de ‘pendicite’, e fiquei sem trabalhar e os amigos aí cuidaram dos meus túmulos, a família não teve nada a desejar” Aqui podemos perceber que os colegas de trabalho se ajudam mutuamente e que ressignificam o seu trabalho na família do morto que tem o túmulo sempre bem cuidado independente dos problemas da categoria. “aqui a gente trabalha em todo canto, a gente pega serviço em todo o lugar”.

A ressignificação procura neutralizar a parte suja do trabalho, conferindo uma outra dimensão ao seu aspecto negativo, neste espírito de corpo o trabalhador procura ignorar o desprezo profissional, e permite que o trabalho seja executado, superando as atribuições negativas do conteúdo do trabalho sujo na construção da identidade, que é relacional (BATISTA, 2017), “não querem me tocar, é como se eu tivesse lepra, mas meu trabalho é sagrado”, o trabalho deixa de ser somente útil, mas ganha outro significado, são os escolhidos para um trabalho sagrado.

Aqui gostaria de colocar a fala de um interlocutor que achei intrigante, ele me disse que iria me contar uma história engraçada - era hora do almoço e estávamos debaixo das árvores, numa boa sombra em um momento de descontração, comíamos e conversávamos sobre várias coisas - então disse:

uma vez minha filha veio me buscar e quando eu entrei no carro, ela estava me dando um saquinho de mercado, eu nem vi. Entrei no carro e ela gritou comigo: que era pra tirar o sapato e colocar no saco, e que agora não adiantava mais, que eu já tinha pisado com o sapato sujo de cemitério no carro dela, que eu ia ter de limpar o tapete do carro, na hora fiquei envergonhado. No outro dia eu lavei todos os tapetes do carro e aproveitei pra dar uma geral no carro dela, você sabe, mulher não sabe cuidar bem de carro, neh. Mas eu acho que ela esqueceu que foi meu dinheirinho do cemitério que pagou a faculdade dela, sabe, eu tava limpinho.

Duas coisas me deixaram intrigada nesta história, a primeira: é que eu não achei a história engraçada. E a segunda: se a filha esqueceu que a faculdade foi paga pela terra do sapato do cemitério, ele não. E se orgulhava disso.

Os trabalhadores autônomos afirmam que apesar do preconceito que sofrem, gostam de trabalhar no cemitério, que consideram um local calmo e tranquilo:

“fico só escutando os pássaros, almoço debaixo das árvores é muito tranquilo”, “aqui, é mais sossego, paz, neh” o contato constante com a morte os deixam mais reflexivos e menos atemorizados: “que caixão cair, já vi sim, mas história de fantasma nunca vi não, as pessoas inventam”, “nunca vi nada de mais, tenho medo não, os mortos não fazem medo não, tenho medo é de vivo”, “Quem está dentro da cova não sai mais, aqui não faz medo, não”, “Do portão para lá eu tenho medo sim. Aqui no cemitério, não”, “Falam de coisas, mas eu nunca vi, nada me aconteceu nada estranho. Sempre foi tranquilo,” “aqui meu único medo é de escorpião, a gente trabalha com medo, já fui até picado. É um perigo.”

O desconforto cotidiano é ressignificado para encontrar um sentido positivo na profissão, existe a compreensão de que é um trabalho difícil - a rotina é pesada: se trabalha de segunda a sábado, entre 6h30 e 17h, enxada, tesoura, tinta e água são seus amigos diários - e estão constantemente expostos à raiva e à tristeza, mas criam na prática diária uma teia de relações sociais que lhes ajudam a superar essas dificuldades:

Eu acho que esse respeito que a gente dá faz diferença, pras famílias que gosta de plantas tem pingo de ouro e palma pras lápides e a gente busca se a família quiser uma diferente. A gente oferece um serviço mais pessoal, sabe, e aceita pagamento assim... se este mês não deu pode pagar mês que vem, entende? todos traz um corpo para cá tem sentimento, porque foi um acontecimento, todo mundo se sente de um jeito neh, tem quem chore, tem dor seca, tem quem saia correndo. Aqui todo mundo se dá bem e somos reconhecidos por quem contrata a gente. Não tem perturbação não.

Os autônomos reconhecem que a sociedade tem nojo de seu trabalho, mas estão satisfeitos com o trabalho que realizam. O que pode parecer contraditório num primeiro momento é explicado pelos mecanismos de defesa e ressignificação, pois, reconhecem o estigma e lutam contra ele, não há uma aceitação passiva desta representação negativa. Ressignificam a sua missão considerando-se escolhidos e para realizá-la precisam ser destemidos e corajosos.

### 4.3 – Sombra e água fresca

Esses profissionais, ao cuidarem da última morada dos mortos, contribuem para a imortalidade simbólica do falecido - capítulo 3 – e eles parecem ter percepção disso ao darem tanta ênfase na satisfação que sentem ao verem a família reagirem a seu trabalho “as famílias ficam agradecidas por encontrar tudo bem bonitinho e arrumadinho. Só me dão agradecimento, que ficam satisfeitos de nunca achar nada a faltar, que é sempre feito tudo no tempo e na hora”, assim reforçam os aspectos positivos do seu trabalho e se orgulham dele:

“Nunca fui de perder serviço, cada túmulo que pego é único, aqui tem muito sentimento e muito respeito. E isso é o que eu tenho”, “Gosto do trabalho, passo muito tempo aqui, é tranquilo e deixar tudo arrumadinho para a família que vêm visitar é bom, sabe, aqui me sinto firme, tem dias que eu perco a hora, só lembro de ir quando já tá ficando escuro”.

O processo de ressignificação praticado pelos autônomos encontra-se imbricado aos processos de purificação. A água está intimamente ligada ao signo de limpeza (é costume em nossa sociedade tomar banho assim que chegam do cemitério, lavar as roupas separadas e se recusar a entrar em casa com elas); como analisamos, os trabalhadores do cemitério estão imbuídos da categoria de sujeira atribuída ao cemitério, por conseguinte, a água é fundamental para sua purificação e manutenção da sua atividade, sendo uma constante em todas as minhas conversas.

A água como arquétipo<sup>54</sup> é transparente, pura, adaptável e essencial a toda forma de vida, representando os conceitos de nascimento, renascimento, limpeza e pureza. Sua mobilidade e ondulações, a chuva necessária para refrescar e plantar, sua forma adaptável, sua imprescindibilidade para a vida, permitiu que a humanidade visse nela algo santificado, que permeia o nosso modo de ver o mundo. Desta maneira, aqueles que trabalham com a categoria de sujeira, a têm como indispensável: “O que eu tenho consegui aqui, precisamos dela (a água) pra continuar”.

A empresa ao negar a água a estes trabalhadores nega também a possibilidade de efetuar essa limpeza física e simbólica; os interlocutores atestam que a falta da água constitui um dos principais problemas de trabalhar no cemitério e esteve na fala de todos os

---

<sup>54</sup> Jung usou o termo para se referir aos modelos inatos que servem de matriz para o desenvolvimento da psique

jardineiros, a necessidade de comprar a água diariamente aparece não como uma rotina, mas como uma atividade performática.

O caminhão pipa chega e o trabalho para. Alguns entram na fila com seus “carrinhos” outros ficam debaixo das árvores jogando conversa fora, até que a fila diminua. Se nas conversas falar sobre a separação dos hidrômetros os deixam tensos, aqui na presença dela, jorrando dentro dos “carrinhos”, a sensação é outra, de descontração. Há risadas e causos são contados, das mulheres que caíram na cova aberta, das “viúvas” brigando, dos filhos que prometem visitar e nunca mais aparecem, do caixão que não coube e foi enterrado de lado.

A água mobiliza emoções e sociabilidades, jogam água na cabeça, lavam os braços, se molham, ali mesmo enquanto a água enche seus carrinhos, e partem para “a lida” diária.

A gente se vira como pode, tem vez que usamos muito mais (água) do que pegamos, aí os amigos ajuda, a gente sempre dá um jeito de continuar com o serviço, e cê sabe a gente precisa se limpar, pra ir pra casa, (a água) é importante, pra trabalhar e pra gente se limpar, antes de ir tem de limpar, lavar tudo, as coisas.



Fig – 18 Carros que transportam a água usada pelos autônomos para o serviço de jardinagem, eles fazem parte da paisagem local, são chamados de “carrinhos”

## Considerações finais

A morte vem de longe  
 Do fundo dos céus  
 Vem para os meus olhos  
 Virá para os teus  
 Desce das estrelas  
 Das brancas estrelas  
 As loucas estrelas  
 Trânsfugas de Deus  
 Chega impresentida  
 Nunca inesperada  
 Ela que é na vida  
 A grande esperada!  
 A desesperada  
 Do amor fratricida  
 Dos homens, ai! dos homens  
 Que matam a morte  
 Por medo da vida.

Vinícius de Moraes

Estou no meu local de trabalho um jovem de 16 anos chega, na minha sala, muito chateado: - Que foi meu filho? – Ah, tia, foi minha mãe que não me deixa ir visitar meu irmão. Estou pronta pra ponderar, pois em minha mente, passa a possibilidade de que o irmão estivesse na prisão (infelizmente essa é a realidade de vários jovens da localidade aonde trabalho). Então, o jovem completa, - tia, todo dia de visitar o cemitério, aquele dia lá... – Finados. - Isso, minha mãe visita meu irmão e nunca me deixa ir, diz que eu sou muito novo pra ir no cemitério.

A morte tem sido constantemente afastada da vida cotidiana na sociedade moderna consistindo num verdadeiro tabu, as pessoas cada vez mais investem numa aparência jovem e buscam retardar ao máximo os efeitos da velhice, verdadeiras indústrias de fazer dinheiro tem se erguido em nome da saúde e da boa forma. E a morte quando ocorre é escondida, limpa, purificada, numa tentativa de lhe retirar seus signos peculiares de matéria em decomposição.

A destruição que lhe é característica ofende a individualidade, construída pela sociedade industrial, mesmo com o discurso que a morte é natural, e por isso, o fim a que todos estamos destinados, o homem moderno tem dificuldade em aceitar esse fim por si mesmo; afinal de que adiantaria esse culto moderno ao “eu” se ele tem fim. Seria inócuo.

Nos hospitais o morto é ressignificado e vira o corpo e transforma-se no pacote. Na funerária é drenado, preenchido e embelezado, para “dormir” na urna. Todo um sistema bem lubrificado para afastar o perigo de contaminação que a morte representa.

E os cemitérios refletem essa relação com a morte, conforme as sociedades modernas vão encarando a morte cada vez de forma mais racional, sem o encantamento do sobrenatural, mas os corpos desaparecem dos cemitérios até o modelo de “parque”, onde só existe uma pequena placa marcando o local da inumação, até atingir seu ápice com a total destruição, através da cremação.

Brasília foi construída dentro de uma ótica igualitária, onde a terra não teria dono e sua posse seria de todos, assim, o cemitério foi planejado para ser construído no sistema “parque”, com grandes gramados, paisagismos, bosques, bancos, praças e lápides singelas. Obsta, porém, que construir um cemitério de uma sociabilidade individualista numa sociabilidade relacional acabou por gerar um cemitério diferenciado, sofrendo o que todo planejamento sofre a interferência da realidade.

Como as relações familiares no início da cidade foram substituídas por relações socio-profissionais (caracterizado pelos churrascos de domingo) a morte de Bernardo Sayão e Benedito Segundo marcaram a cidade em construção. Sayão era amado pelos trabalhadores e Benedito sofreu um infarto fulminante quando soube de sua morte, estas mortes foram emblemáticas e marcaram a criação da necrópole das autoridades, uma distinção social com direito a mais espaço e uma grande pedra de mármore como marcador.

Efetivamente, existem túmulos abandonados, principalmente na parte mais antiga do cemitério, o que se justifica pelo fato da classe média ter vindo para a cidade sem rede de parentesco, mas também existe muito cuidado com a escolha do túmulo, da urna e dos ornamentos. Os familiares dos brasilienses que utilizam esse cemitério procuram formas de distinguir seu morto dos demais, não apenas nas demonstrações de carinho, mas também, ao mandar construir o túmulo mais diferenciado possível, na jardinagem e na apropriação das terras públicas em volta.

Deste modo o cemitério de Brasília representa essa dualidade de uma sociedade que se relaciona com seus mortos e que ao mesmo tempo almeja ser moderna, racional e

científica, reflexo desta crescente penetração do individualismo, ou como me disse uma interlocutora em campo: “minha filha, não se acredita em fantasma até ver um, depois toca a mandar rezar missa pro coitado descansar.”

Assim, a parte antiga do cemitério possui o mármore e o cimento do túmulo bem a mostra, existem frases de adeus e de saudades, bancos ao lado para as preces e reflexões, pequeninas capelas para santinhos de devoção, velas e fotos, locais para plantas, árvores e muito verde (na época da chuva), crucifixos estão por todo lado. Existe o morto ele está ali, de forma sutil, mas presente, nada de grandes túmulos, capelas ou esculturas, mas simbolicamente evidente.

O cemitério é por excelência o local da saudade e mesmo que em nossa sociedade este esteja paulatinamente perdendo a hegemonia do morto para as fotos e outras formas de memórias, ele possui a vantagem de estar fora do tempo linear, seu tempo é experimentado de forma diferente, pautado na recordação, é vivido internamente; e assim, como a saudade, é capaz de retornar a momentos especiais, é uma ponte relacional entre o passado (vivido ou não) e o presente, além disso, como o cemitério encontra-se entre os mundos nos deixa mais próximos dos falecidos.

No cemitério agimos como se o morto estivesse mesmo ali nos ouvindo, sabendo das novidades, é real, conseguimos saber seus desejos e até suas reações quando lhe contamos os causos dos compadres e comadres. São relações que se mantêm, é uma forma de manter a pessoa viva por mais tempo, de manter a proximidade e de se tranquilizar frente a morte.

Como não entendemos a morte queremos ter certeza que fizemos todo o possível para a pessoa que amamos, escolhemos a urna que o morto gostaria, a roupa com que ele se sentiria bonito, afinal deve estar bem vestido para receber as pessoas, chamamos o padre ou o pastor, fazemos preces, compramos coroas de flores, jogamos água benta, nos vestimos especificamente para o evento, rezamos missa, choramos, tudo é feito com a intenção de que o morto fique bem, e de nos dar o conforto da sensação de que fizemos todo o possível para que ele efetivamente fique bem, neste processo de afastamento e de ressignificação.

O morto passa por rituais para se purificar e eliminar sua característica de matéria em decomposição: passa pelo rito burocrático, pelo banho purificador, pelo velório, sepultamento e pelas visitas. Esses ritos além de neutralizar o perigo que a morte representa, também são utilizados para tranquilizar os vivos; além disso, o afastamento entre vivos e mortos é gradual, ocorrem visitas, se acendem velas, fazem orações, tudo como forma de manter a pessoa querida viva e de alguma maneira presente.

No dia dos mortos, um “dia de festa para as almas”, visitamos, rezamos, limpamos os túmulos, acendemos velas, possuímos uma série de obrigações com os mortos, como disse DaMatta (1997) “no Brasil a morte mata, mas os mortos, não morrem”.

Desta feita, os ritos ao mesmo tempo que garantem ao morto sua entrada no estatuto post mortem também contribuem para os enlutados se reintegrarem à sociedade.

O Campo da Esperança passou por grandes mudanças em 2002 quando a empresa assumiu os serviços do cemitério de Brasília e introduziu a lógica capitalista no lar dos mortos. A mudança mais visível foi maximalizar o uso do solo que atingiu diretamente os “moradores” e seus visitantes e a mudança mais discreta foi o controle sobre a água que afetou os trabalhadores da cidade dos mortos.

Quanto ao solo, uma história que ouvi algumas vezes em campo foi a da pessoa obesa que foi enterrada de lado, pois a cova era muito estreita para ela, este caso mostra como a padronização da empresa, nesta busca pelo máximo aproveitamento do solo, nega ao morto suas especificidades; assim, enquanto a família busca diferenciar seu morto a empresa procura aniquilá-lo.

Antes o morto possuía o direito a um pequeno jardim, a sombra de uma árvore próxima e a família poderia instalar um pequeno banco ao lado do túmulo do seu morto para suas visitas e suas conversas, mas agora neste novo padrão fica praticamente impossível visitar seu parente sem pisar “em cima de alguém”, a árvore com o banco para aquele “dedinho de prosa” fica bem distante.

O que percebemos neste modelo introduzido pela empresa é um novo afastamento entre a família e seu morto, cuja existência física praticamente desapareceu sob

a fina camada de grama que não aceita as raízes de plantas nem da memória.<sup>55</sup> A saudade pede pela intimidade, por um tempo que pode ser revivido pela visita e pelo aconchego que esse novo formato tem eliminado.

Quanto a água, o Campo da Esperança tem como peculiaridade a relação entre os autônomos e os familiares, por ser muito grande o GDF não conseguia cuidar muito bem das partes comuns e dos túmulos individuais,<sup>56</sup> assim, os familiares contratavam os serviços dos autônomos para cuidar dos túmulos e dos jardins dos jazigos, numa relação direta. E mesmo com a empresa os familiares optam em contratar os autônomos, em conhecer seus rostos, em ver pessoalmente aqueles que cuidam de seus mortos, de poder confiar e negociar com eles.

A entrada da empresa no cemitério foi marcada por uma campanha empreendida para retirar os autônomos do local, inclusive cortando-lhes o acesso a água. Os trabalhadores resistem com a associação e buscaram apoio de políticos da cidade o que lhes garantiu a permanência no trabalho, essa luta é relembrada pelos autônomos com orgulho.

A água além de um instrumento de trabalho, cujo controle garantiria a empresa as taxas de manutenção dos túmulos, também é usada como força simbólica de assédio contra os autônomos.

Em nossa sociedade, a água possui uma forte carga simbólica ligada a limpeza, nascimento, emoção e purificação, ao negar ao trabalhador a água, também é negado a possibilidade deste se purificar após a execução de um trabalho considerado sujo por nossa sociedade, mantendo-o na condição de estigmatizado e humilhado socialmente.

Os jardineiros autônomos percebem o estigma que seu trabalho prolongado com a morte provoca e sofrem suas consequências, para minimizar esse sofrimento desenvolvem estratégias para conviver com sua realidade e a água possui um papel importante neste processo, no que se caracteriza na quantidade de vezes em que enfatizam que se lavam, que trocam de roupas, que estão “limpinhos”.

---

<sup>55</sup> Na pequena placa que marca o local de inumação não cabe frases de despedidas, nem honras ao morto

<sup>56</sup> Explicação dada pelos interlocutores para o surgimento da sua categoria profissional

Neste processo de ressignificação simbólica de seu trabalho orgulham se dos túmulos e jardins que cuidam e se sentem felizes quando as famílias elogiam seus serviços. Eles são discretos e apesar dos “carrinhos” serem vistos com facilidade por todos os lados, eles passam despercebidos, mas se os procurar, lá estarão carregando sua água, suas mudinhas e suas histórias.

Deste modo, se antes o espaço era organizado pela hipótese do status agora é o aproveitamento total do solo que está em jogo - o que tem diminuído consideravelmente as áreas verdes - e com ele a posse da água, o que implica na hegemonia do serviço de jardinagem e nas taxas de manutenção a serem pagas *ad perpetuam* à empresa ou aos autônomos, eis a questão que se impõem nesta nova ordem.

Urge salientar, que compreender a questão da água significa perceber o próprio processo de resistência dos jardineiros autônomos e dos familiares a esse novo sistema implantado. Assim, o cemitério de Brasília resiste a lógica capitalista empreendida pela empresa nas relações entre as famílias e os autônomos, que mesmo com os ataques mantêm seu trabalho de contribuir com a imortalidade simbólica do morto, cuidando de sua morada e enfeitando os jardins para seus familiares.

Desta feita, a morte se mantém aqui e ali, ora sendo negada e apagada, ora encontrando uma forma de dizer continuo aqui.



Fig – 19 e 20 Túmulo na parte nova e outro na parte antiga, respectivamente, as aproximações dos mortos com suas famílias nas tentativas de individualizá-los.



Fig. 21, 22 e 23 - Túmulos da parte antiga do cemitério Campo da Esperança



Fig. 24 – Túmulos sociais os primeiros a serem desalojados no caso de falta de novos locais para inumação



Fig. 25 – Túmulos da parte nova com a parte antiga arborizada ao fundo

## **Bibliografia**

Aragão, L. T. Coronéis, candangos e doutores: Por uma Antropologia dos Valores. Brasília: No prelo, 2015.

Araújo, G. P. de.; Florêncio, B. J. de A. A Boa Morte: O Fim como Metáfora. In: 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, João Pessoa, 2016. Anais da 30ª Reunião Brasileira de Antropologia.

Ariés, P. Sobre a História da Morte no Ocidente desde a idade média. Lisboa: Teorema, 1975.

Ariés, P. O homem diante da morte. São Paulo: Unesp, 2014.

Batista, A. S.; Codo, W. Trabalho sujo e estigma: cuidadores da morte nos cemitérios. Disponível em: < [http://www.scielo.org.co/pdf/res/n63/pt\\_0123-885X-res-63-00072.pdf](http://www.scielo.org.co/pdf/res/n63/pt_0123-885X-res-63-00072.pdf) > acessado em novembro de 2017

Bayard, J.P. Sentido oculto dos ritos mortuários: morrer é morrer? São Paulo: Paulus, 1996.

Boff, L. Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis: vozes, 1999.

Borges, Maria E. A estatuária funerária no Brasil: representação iconográfica da morte burguesa. São Luís. In: VII Abanne: GT Antropologia da Emoção, Edições do GREM, 8, 2004.

Câmara, M. C. C. O agente funerário e a morte. O cuidado presente diante da vida ausente. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2011.

Campos, A.S.B. O Estado da morte: uma etnografia junto aos trabalhadores da morte. Tese de conclusão de curso. UnB. Brasília, 2016.

Canjão, I. M. F.; Lopes, S. C. N.; Lopes, A. C. N. De companheira a vilã: nós, os outros, e a morte. In: 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, João Pessoa, 2016. Anais da 30ª Reunião Brasileira de Antropologia.

- Coelho, A. M. Atitudes perante a morte. Coimbra: Livraria Minerva editora, 1991.
- DaMatta, R. “A morte nas sociedades relacionais: reflexões a partir do caso brasileiro”. Em: A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, 113-136.
- DaMatta, R. “Antropologia da saudade”. Em: Conta de mentiroso. Sete ensaios de antropologia brasileira. RJ: Rocco, 2012.
- Douglas, M. Pureza e perigo. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- Eliade, M. Sagrado e o profano. São Paulo: Martins fontes, 1992.
- Elias, N. A Solidão dos Moribundos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- Ferreira, G. B. Consoada: a morte como alívio. In: 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, João Pessoa, 2016. Anais da 30ª Reunião Brasileira de Antropologia.
- Ferreira, M. M.; Gorovitz, M. A invenção da superquadra. IPHAN – DF, 2010.
- Fochi, G. M. e Carelli, M. N. Cultura da morte: um estudo do cemitério municipal de Joinville/SC. Disponível em <[www.congressohistoriajatai.org/anais2009/doc%20\(25\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2009/doc%20(25).pdf)> acessado em 15 de novembro de 2016
- Frúgoli Jr., H. Sociabilidade Urbana. Coleção Passo-a-Passo. Jorge Zahar Editores, Rio de Janeiro, 2007.
- Glissant, E. “Cultura e identidade” em: Introdução a uma poética da diversidade. Juiz de fora: UFJF, 2005, pp.71-95
- Goffman, I. Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. São Paulo: Zahar, 1982
- Goldenberg, M. A arte de pesquisar. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- Gracci, C. e Batista, F.D. Em nome do pai: Análise do mausoléu familiar como fato de distinção dentro da arte tumular. Revista Habitus, v.10, nº2, 241-257.

Hughes, E. C. As boas pessoas e o trabalho sujo. Em: COELHO, M. C. (org.). Estudos sobre interação: textos escolhidos. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, p. 91 a 108.

Joaquim, C. M. G. “Weber, Simmel e a morte sem sentido.” Revista Em Tese, v. 4, 2007, pp. 85-100.

Kovács, M. J. Desenvolvimento da tanatologia: Estudos sobre a morte e morrer., Ribeirão Preto: Revista Paidéia, vol.18 no.41, 2008, pp. 457-468.

Kuber-Ross, E. Sobre a morte e o morrer. São Paulo, Martins Fontes, 1987.

Malysse, S. Antropologia da morte: um fato social fatal. Disponível em < [www.each.usp.br/opuscorpus/PDF/t11p1.pdf](http://www.each.usp.br/opuscorpus/PDF/t11p1.pdf) > acesso em 15 de novembro de 2016

Martins, J de S. (org.) A morte e os mortos na sociedade brasileira. SP: Hucitec. 1983.

Mattedi, Marcos Antonio; PEREIRA, Ana Paula. Vivendo com a morte: o processamento do morrer na sociedade moderna. Cad. CRH, Salvador, 2007, v. 20, n. 50, p. 319-330.

Mattos, S. M. Morte “boa” e morte “ruim”. In: 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2008, Porto Seguro. Anais da 26ª Reunião Brasileira de Antropologia.

Mauss, Marcel. “Efeito físico no indivíduo da ideia de morte sugerida pela coletividade”. Em: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003, pp. 345-365.

Menezes, R. A.; Gomes, E. C. Seu funeral, sua escolha: rituais fúnebres na contemporaneidade. Revista de Antropologia, São Paulo: USP, v.54 n.1, 2011.

Netto, H. F. S.; Miranda, J. O. S.; Souza, J. L. G. Moradas eternas, moradas dos vivos: um olhar sobre os cultos dos mortos no cemitério da soledad em Belém – Pará. In: 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, João Pessoa, 2016. Anais da 30ª Reunião Brasileira de Antropologia.

Neves, M. F. de A. e Damo, A. S. Dinheiro, emoção e agência: uma etnografia no mercado funerário de porto alegre. Mana. vol.22, n.1, 2016, pp.7-36.

Nogueira, R. Elos da memória: passado e presente, cemitério e sociedade. Vivência: Revista de Antropologia, v. 1, n. 39, p. 81-90, 2012.

Monteiro, D.F.B. et al. O trabalho sujo com a morte: o estigma e a identidade no ofício de coveiro. Revista RIGS v.6 n.1, 2017.

Moreno, T. M. O Sagrado e o Profano: o cemitério na cidade de São Paulo. Revista Cordis, São Paulo: PUC, nº 1, 2008

Morin, E. O homem e a morte. Lisboa: publicações Europa-América, 1976.

Moro, M. F. Lima, S. A. da S. e Gonçalves, A. F. Espaço dos vivos – Lugar dos mortos: a dinâmica de (des) identificação com os espaços destinados aos vivos e aos mortos na nova cidade de Jaguaribara, Ceará. CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais Número 16, 2011 Pág. 30 – 49.

Motta, A. À flor da pedra. Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2008.

Oliveira, L. A configuração espacial da morte: espaços segregados no cemitério Campo da Esperança. Revista Varau n. 5 CAU/UCB, 2016, p. 21-47

Peirano, M. A análise antropológica de rituais. Em: O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais / Mariza Peirano (org.). – Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2002.

Pétonnet, C. Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia (n. 25, 2º sem. 2008, n. 1, 2. sem. 1995). Niterói: EdUFF, 2008 nº 25, 99-112

Quinágua Silva, Érica. 2008. “A terceira margem”. In: 26a Reunião Brasileira de Antropologia, 2008, Porto Seguro. Anais da 26a Reunião Brasileira de Antropologia.

Reis, J. J. A morte é uma festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Rodrigues, J. C. Tabu da Morte. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

Santos, C. A. F. Os profissionais da saúde enfrentam – negam a morte. *In* A morte e os mortos na sociedade brasileira. Martins, José de Souza (org.) São Paulo: Hutec, 1983.

Silva, U. G. da. Neves, E. M. Dinâmicas e fenômenos sociais: um estudo sobre a morte no cemitério da comunidade Nossa Senhora da Guia, Paraíba In: 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, João Pessoa, 2016. Anais da 30ª Reunião Brasileira de Antropologia.

Souza, Jaqueline P. A morte narrada e as perspectivas etnográficas dos rituais fúnebres. In: 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, João Pessoa, 2016. Anais da 30ª Reunião Brasileira de Antropologia.

Steyer, F. O cemitério como fonte para estudos de folkcomunicação. *Revista Internacional de Folkcomunicação* v. 2, n. 3 (2004).

Turner, V. W. “Liminaridade e ‘Communitas’” in: *O Processo Ritual: estrutura e anti-estrutura: tradução de Nancy Campi de Castro*. Petrópolis, Vozes, 1974.

Vale, M. C. Flores e velas que falam no silêncio: perspectivas. *Revista Ponto Urbe, USP: São Paulo*, v 5, 2009.

Vargas, M. A.; Meyer, D. E. E. “Re-significações de vida e de morte: delimitando modos de educar”. *Revista Educação e realidade*, v. 28, 2003. Pp.65-86.

Ziegler, Jean. *Os vivos e a morte*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

Zuchiwschi, J. A dualidade no pensamento religioso judaico e sua implicação nas práticas funerárias. Tese de doutorado. Curso de pós-graduação em Antropologia. Universidade de Brasília – UNB, Brasília.1998.

**Outros:**

Érico Veríssimo. “Os Heróis sem Ódio”, in: *A Volta do Gato Preto*. Porto Alegre: Globo, 1948, pp.37-38.

Hesíodo, Teogonia. São Paulo: Martin Claret, 2010.

Platão. Apologia de Sócrates. São Paulo: Martin Claret. 2009.

Poe, E. A. O caso do Sr. Valdemar. Conto. (1845)

Tolkien. JRR. Do início dos tempos. Silmarillion.

Tólstoi, L. A morte de Ivan Ilych. Conto. (1886)

Tólstoi, L. Três mortes. Conto.

**Filmografia**

Masagão, Marcelo. 1999. Nós que aqui estamos por vós esperamos. Documentário, Brasil, 73 min.

Quináglia silva, Érica. 2007. E a tristeza nem pode pensar em chegar... Filme Etnográfico. Brasil, 60 min.

Takita, Yojiro. 2008. A partida. Japão, 2h11min.